

TEXTO BASE E ROTEIROS CELEBRATIVOS PARA O

# 16º ENCONTRO ESTADUAL DAS CEBs

CEBs, Migrantes de  
ontem e de hoje:  
OS Desafios da Justiça  
e da Amizade Social.

Alarga o espaço da  
tua tenda!  
(R\$ 54,2)

19 A 21 DE ABRIL DE 2024  
DIOCESE DE NOVO HAMBURGO

REALIZAÇÃO  
CEBs DO BRASIL  
CEBs Ao Grande do Sul



SÃO LEOPOLDO  
DIOCESE DE SÃO LEOPOLDO

# **16º ENCONTRO ESTADUAL DAS CEBs**

**DIOCESE DE NOVO HAMBURGO/RS**

**19 A 21 DE ABRIL DE 2024**

.....  
**TEXTO BASE E ROTEIROS CELEBRATIVOS**  
.....

# **16º ENCONTRO ESTADUAL DAS CEBs**

## **DIOCESE DE NOVO HAMBURGO/RS**

.....

### **TEXTO BASE E ROTEIROS CELEBRATIVOS**

.....

#### **DIAGRAMAÇÃO**

Rodrigo Fagundes

#### **ILUSTRAÇÃO**

Luís Henrique Alves Pinto

#### **REVISÃO**

Rodrigo Fagundes

Ir. Marta Maria Godoy, osb

#### **EDIÇÃO**

PUB Editorial

Trilha Cidadã

**pubeditorial**

Tudo para a publicação do seu livro!

Instagram: @pubeditorial

WhatsApp: 51.99658.1275

# SUMÁRIO

<b>Boas-Vindas à Diocese de Novo Hamburgo</b>	
<i>Dom João Francisco Salm</i> .....	5
<b>Apresentação</b> .....	9
<b>Hino do 16º Encontro Estadual das CEBs</b> .....	13

## VER

### OS MIGRANTES DE ONTEM E HOJE

<b>Os 200 Anos das Migrações em São Leopoldo/RS</b>	
<b>O Que Vamos Comemorar em 2024?</b>	
<i>Martin N. Dreher</i> .....	17
<b>Migração: O Jeito de Ser Humanidade</b>	
<i>Elton Bozzetto</i> .....	33

## JULGAR

### ILUMINAÇÃO BÍBLICA

<b>Alarga o Espaço da Tua Tenda (Is 54,2)</b>	
<i>Ildo Bohn Gass</i>	
<i>Pe. Ramiro Mincato</i> .....	44

## AGIR

### OS MIGRANTES E OS DESAFIOS DA JUSTIÇA E DA AMIZADE SOCIAL

<b>A Amizade Social no Magistério do Papa Francisco e os Desafios das Migrações Hoje</b>	
<i>Célio Trindade</i>	
<i>Andrei Thomas Oss-Emer</i> .....	58
<b>A Realidade das Juventudes e a Migração</b>	
<i>Iasmin Caroline de Almeida Veeck</i>	
<i>Janderson Rangel Marx</i> .....	68

## **ROTEIROS CELEBRATIVOS**

### **1º ENCONTRO**

**Alarga a Tua Tenda Nessa Caminhada Sinodal..... 77**

### **2º ENCONTRO**

**Para o Migrante, a Pátria é a Terra Que Lhe Dá o Pão 87**

### **3º ENCONTRO**

**Somos Todos/as Migrantes a Caminho do Reino..... 99**

### **4º ENCONTRO**

**Uma Igreja em Saída ao Encontro das Juventudes ..... 107**

### **5º ENCONTRO**

**CEBs Migrantes Ontem e Hoje..... 119**

## 16º ENCONTRO ESTADUAL DAS CEBs

### BOAS-VINDAS À DIOCESE DE NOVO HAMBURGO

A Diocese de Novo Hamburgo acolhe, pela segunda vez, o Encontro Estadual das CEBs. Será o 16º, nos dias 19 a 21 de abril de 2024, no Centro de Eventos de São Leopoldo e nas Paróquias próximas que hospedarão os participantes. A oportunidade é particularmente significativa porque nesse ano se celebram os duzentos anos da imigração alemã no Brasil, iniciada precisamente em São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Nesse sentido, o Tema e o Lema são afins: *“CEBs, migrantes de ontem e de hoje: os desafios da justiça e da amizade social”*; *“Alarga o espaço de tua tenda”* (Is 54,2).

Vale a pena recordar aqui o que diz a Conferência dos Bispos da América Latina e do Caribe, em Puebla (1979):

“A CEB, como *comunidade*, integra famílias, adultos e jovens em estreito relacionamento interpessoal na fé. Como *eclesial*, é comunidade de fé, esperança e caridade, celebra a palavra de Deus e se nutre da Eucaristia, ponto culminante dos demais sacramentos; realiza a palavra de Deus na vida, mediante a solidariedade e o compromisso com o mandamento novo do Senhor; torna presente e atuante a missão eclesial e a *comunhão visível com os legítimos pastores*, através do serviço de coordenadores aprovados. É *de base* por estar cons-

tituída por um pequeno número de membros como forma permanente e como célula da grande comunidade”. (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Puebla, n. 641).

A vida em comunidade é dado essencial da experiência cristã. Jesus afirmou ter-nos dado a conhecer o que recebeu do Pai: o *amor mútuo*, Amor Trinitário, aquele que define Deus, segundo São João. O ideal cristão é fazer disso uma realidade entre nós. São Paulo afirma que foi para isso que Deus nos criou: para sermos “*santos e irrepreensíveis no amor*”.

Não menos importante é a *comunhão eclesial* com os legítimos pastores, hoje tão relativizada e até mesmo agredida por muitos que se dizem católicos: Jesus pediu ao Pai que seus discípulos fossem UM, como Ele e o Pai são UM, para que o mundo creia que o Pai O enviou ao mundo (cf. Jo 17,21).

Por ser *de base*, a CEB é constituída de um *pequeno número de membros*. E nisso identifica-se com a “*pequena comunidade eclesial missionária*”, na qual todos têm consciência de a ela pertencer, todos se conhecem pelo nome, todos riem e choram juntos. As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil afirmam que “Com a vida fraterna das comunidades, o testemunho de santidade de muitos de seus membros – que é ‘*o rosto mais belo da Igreja*’ e reflexo da ‘*santidade de Deus neste mundo*’ (Ge E, n. 9 e 12) – com as obras de misericórdia, a solidariedade com os sofredores, a colaboração na construção de uma sociedade justa e pacífica

e, sobretudo, com o anúncio explícito e incansável de Jesus Cristo, a Igreja manifesta ao mundo a ‘*razão da vossa esperança*’” (1Pd 3,15) (CNBB, Doc. 109, n. 20).

Portanto, esse evento tão cheio de significados certamente tem tudo para ser uma grande oportunidade da graça do Senhor. Em nome da nossa Diocese, dou as boas-vindas a todos os irmãos e irmãs que para cá vierem. Aos diocesanos de Novo Hamburgo, enquanto anfitriões, agradeço antecipadamente por tudo o que fizerem para que seja oferecida a melhor e mais fraterna acolhida aos visitantes.

São Luiz Gonzaga, mártir do amor ao pobre e doente, e a Mãe de Jesus intercedam em nosso favor.

Dom João Francisco Salm  
*Bispo Diocesano*





# APRESENTAÇÃO

As CEBs continuam sua caminhada e marcam a história da Igreja do Brasil, bem como a história do povo da nossa pátria, desde a década de 1960, impulsionadas que foram pelo Espírito e apelos do Concílio Vaticano II. Somos um jeito muito simples de viver o Evangelho, de tentar compreendê-lo por meio das reflexões dos círculos bíblicos, em comunidades e grupos populares, entre irmãos e irmãs que se conhecem por vizinhança ou afinidade, gente que partilha a fé e luta por uma vida digna. Somos “Eclesiais” e pronto. Nos reunimos para rezar, para refletir, para conhecer melhor o mundo, participar dos sacramentos, nos alimentar da Palavra de Deus, para unir sempre mais a fé e a vida.

Temos em mãos o “texto base” de Preparação para o 16º Encontro Estadual. Desde o 1º Encontro em São Gabriel (1979), o segundo em São Leopoldo (1981), até o 15º em Rio Grande, a Palavra de Deus sempre iluminou a vida concreta e os desafios para a vivência da fé. Sim, porque se Jesus se encarnou, o Reino já está no meio de nós. Precisamos aprender a encontrar e ver esses sinais. Fruto da caminhada a Igreja também reconhece os sinais do Reino em meio às Comunidades Eclesiais de Base: *“As comunidades eclesiais de base têm sido escolas que têm ajudado a formar cristãos comprometidos com sua fé, discípulos e missionários do Senhor, como o testemunha a entrega amorosa, até derramar o sangue de muitos de seus membros”* (Dap 178).

A profecia não pode morrer. O 16º Encontro se ilumina pelo grito da realidade mundial das migrações: “CEBs, migrantes de ontem e de hoje: os desafios de justiça e amizade social”. E como a profecia não pode morrer, o lema vem do clássico texto de Isaías: “Alarga o espaço da tua tenda!” (Is 54,2).

Para melhor aprofundarmos a temática nos grupos, dividimos o texto em 2 partes. **Uma primeira** para o aprofundamento do tema, dentro do consagrado método VER, JULGAR e AGIR, e **uma segunda parte** com 5 Roteiros Celebrativos.

**Na primeira parte temos dois textos sobre o VER:** um deles é sobre “**Os 200 anos das migrações em São Leopoldo: O que vamos comemorar em 2024?**”, do professor e pesquisador Martin N. Dreher, e o outro, “**Migração: o jeito de ser Humanidade**”, do Elton Bozzetto, membro do COMIRAT/RS e representante da sociedade civil do Rio Grande do Sul no FONACCERAM).

Já o JULGAR nos traz a iluminação das Migrações na Bíblia: “ALARGA O ESPAÇO DA TUA TENDA” (IS 54,2), começando por uma análise desta profecia, passando pelas causas das migrações e pela legislação sobre o tema na Bíblia hebraica, até chegar à realidade do Novo Testamento em Jesus Cristo e na carta de 1ª São Pedro (Ildo Bohn Gass e Ramiro Mincato).

No AGIR, Célio Trindade e Andrei Thomas Oss-Emer, inspirados na carta Encíclica Fratelli Tutti do Papa Francisco,

se debruçam sobre a realidade dos MIGRANTES E OS DESAFIOS DA JUSTIÇA E DA AMIZADE SOCIAL e sobre a realidade DAS JUVENTUDES. Isso porque o Papa, nessa encíclica, pede que façamos ressoar nas nossas comunidades como que um chamado para a ação pastoral e espiritualidade que enfrentem as “sombras” do mundo de hoje, em vista de, por meio do agir, alcançarmos a vida em abundância, a justiça, a paz e um mundo melhor.

### **Na segunda parte, há 5 ROTEIROS CELEBRATIVOS.**

No **primeiro Encontro** somos chamados a rezar com o lema “**alarga o espaço de sua tenda**” (Is 54,2). Deus que caminha com o seu povo nos convida a andarmos juntos (Sinodalidade), e alargarmos nossa tenda em atitude de acolhida, que reconhece o migrante como irmão.

No **segundo Encontro**, partindo de Mt 25,31-46, vamos meditar sobre a realidade dos MIGRANTES. Para eles a pátria é a **TERRA QUE LHE DÁ O PÃO**: **ACOLHER OS/AS MIGRANTES DE ONTEM E HOJE!** Neste encontro partilharemos a reflexão sobre a realidade de que “Somos todos/as migrantes a caminho do Reino”. O texto iluminador é Ex 3,7-8.

No **Quarto Encontro**, com o tema “**UMA IGREJA EM SAÍDA AO ENCONTRO DAS JUVENTUDES**”, iluminados pelo texto de Rute 1,1-22, uma jovem viúva, vamos encontrar algo alternativo aos projetos dos poderosos Zorobabel (descendente do rei Davi) e de Josué (sumo sacerdote do Templo de Jerusalém).

No **Quinto Encontro** culminamos o roteiro com o tema: CEBs MIGRANTES ONTEM E HOJE: O DESAFIO DA JUSTIÇA E DA AMIZADE SOCIAL, iluminados pelo texto da 1Pd 1,1-2.17; 2,9-11, uma carta do Novo Testamento escrita aos *forasteiros* e aos *estrangeiros* em trânsito.

Estimados amigos e amigas da CEBs, com toda a alegria e confiança de que o Senhor nos conduz, vamos aproveitar esse tempo de *kairós*, tempo oportuno para testemunharmos, como CEBs, com nossa prática, não só a ligação da fé com a vida, tão fortemente marcada pela **Gaudium et Spes**, mas também reforçarmos o antigo e fundamental modelo eclesial pautado sobretudo na vivência da Sinodalidade.

## HINO DO 16º ENCONTRO ESTADUAL DAS CEBs



*(Alex Barbosa/ Andrei Thomas Oss-Hemer)*

Nesta tenda das CEBs queremos  
Acolher toda irmã e todo irmão  
O Senhor Deus da Vida nos une  
Nesta festa de vida e de pão

Na ciranda das várias culturas  
Nós seremos uma Igreja Sinodal  
Transformando a realidade  
Com amizade e justiça social

**/:Somos filhos/as de migrantes,  
e migrantes somos nós  
alarguemos nossa tenda,  
e unamos nossa voz:/**

Pelas águas e terras chegamos  
Nosso rosto diversos se viu  
Em matizes diversas e belas  
Construímos um novo Brasil

Nossas comunidades unidas  
Onde o pão se compartilha no Amor  
Ser Igreja que assim peregrina  
Caminhamos ao encontro do Senhor.

**/:Somos filhos/as de migrantes,  
e migrantes somos nós  
alarguemos nossa tenda,  
e unamos nossa voz:/**

Acolhendo o migrante sofrido  
Acolhemos o próprio Jesus  
Que também foi migrante no Egito  
Numa terra tão longe dos seus

Os irmãos que nos pedem refúgio  
Nós devemos abraçar e acolher  
Integrá-los na comunidade  
Nova vida fazer florescer

**/:Somos filhos/as de migrantes,  
e migrantes somos nós  
alarguemos nossa tenda,  
e unamos nossa voz:/**

**VER**



**OS MIGRANTES  
DE ONTEM E HOJE**





TEXTO I

|||||

# OS 200 ANOS DAS MIGRAÇÕES EM SÃO LEOPOLDO/RS O QUE VAMOS COMEMORAR EM 2024?

*Martin N. Dreher<sup>1</sup>*

A primeira resposta à pergunta acima formulada, certamente, será: A chegada dos primeiros alemães! Mas já aí começam as discussões. Não houve alemães antes deles no Brasil? Certamente os houve. No século 16, em São Vicente/SP, encontramos Eobano Hessus, atuando em uma feitoria. Logo nos deparamos com Hans Staden em Bertioga, no Nordeste encontraremos a família Lins e teremos que lembrar que a Inquisição prendeu Anna Lins, por ser luterana, e a enviou para Lisboa, onde foi submetida a um auto da fé e, depois, executada. Em Pernambuco cedo encontra-

---

<sup>1</sup> PROF. DR. MARTIN N. DREHER: Professor emérito da Faculdades EST e Unisinos; é teólogo e pastor Luterano. Atua na área de História, com ênfase em História Latino-Americana, principalmente nos temas Imigração Alemã, Rio Grande do Sul, Imigração, Brasil e Religião.

mos a família Holland, os de Holanda (o meu pai era baiano, meu avô pernambucano). No século XVIII, Pombal colocou alemães em Macapá para produzir alimentos para a Fortaleza de Macapá. Em Sorocaba, alemães e suecos trabalharam na fundição de Ipanema. Ali morou Francisco Adolfo de Varnhagen que escreveu uma História do Brasil, contando os feitos de D. Pedro I.

Com a vinda da Família Real, muitos oficiais alemães chegaram ao Brasil, número aumentado com o séquito de Leopoldina. Um dos oficiais chegou a ser governador de São Paulo, von Oyenhausen. O Major Boehm organizou o exército brasileiro. Em 1818, são fundadas as colônias de Frankental e Leopoldina no Sul da Bahia. São pessoas que iriam se dedicar ao latifúndio.

Poderíamos continuar nomeando alemães, sem esquecer de Johann Moritz von Nassau Siegen. Mas, temos que nos formular a pergunta: **De que alemães estamos falando, já que a Alemanha somente vai existir a partir de 1871?** Estamos falando de “falantes da língua alemã e de seus diferentes dialetos”. Aqui já se faz necessária uma correção por causa de programas e publicações que estão em curso, todas elas acompanhadas de bandeiras com as cores da atual bandeira da República Federal da Alemanha, cópia da bandeira da República de Weimar. Mas houve outra bandeira alemã, pano de fundo das bandeiras de sociedades de atiradores que podemos ver no Museu Histórico de São Leopoldo. Entre nós, também tremulou a bandeira com a cruz suástica.

Se, porém, dermos uma estudada nas relações de falantes da língua alemã, veremos que essas bandeirolas são incoerentes e não retratam nossa realidade.

Antes de mais nada, quero afirmar que em 2024, estaremos comemorando os 200 anos da imigração de língua alemã **continuada** no Brasil. Ela não teve início em São Leopoldo, mas sim em Nova Friburgo/RJ. As comemorações pretendidas em relação a “Alemães” têm que iniciar por Nova Friburgo, em maio de 1824. Por que lá? Porque as terras de São Leopoldo ainda não estavam medidas, e, em agosto de 1824 continuavam sem ser medidas. Sobre isso mais adiante. Para nós, na região de São Leopoldo, há 200 anos, aconteceu importante marco que foi a demarcação de novo espaço, no qual não se teve mais o latifúndio, mas a pequena propriedade familiar que colocaria seus excedentes de produção no mercado brasileiro. Aqui também se ensaiou pluralidade, pois seria introduzido novo tipo de catolicismo e o protestantismo que trazia consigo o pensamento histórico-crítico da tradição de Kant. Aqui se introduz a universalização do ensino formal, novo perfil do feminino, tão bem descrito por Érico Veríssimo em “O Tempo e o Vento”.

De fato, onde hoje se situam os municípios oriundos da Colônia Alemã de São Leopoldo, existia a Real Feitoria do Linho-Cânhamo, criada em **6 de agosto de 1788** por Ofício do Vice-Rei Luís de Vasconcellos. Desde 1820, José Thomaz de Lima é diretor da Real Feitoria. Ele é nomeado diretor da Colônia instalada em 1824, em **19 de julho de**

## **1824, seis dias antes da chegada dos primeiros imigrantes à Colônia.**

Como informação preliminar importante, lembre-se que, em 1809, o Rio Grande do Sul foi subdividido em quatro vilas: Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha. São estes os quatro primeiros municípios do Rio Grande do Sul. Com 22 anos de existência, a Colônia Alemã de São Leopoldo deixa de ser Colônia e passa a ser o 15º município do Rio Grande do Sul, criado pela Lei Provincial nº 4 de 1º de abril de 1846. Esse dado merece ser antecipado para que se avalie o rápido desenvolvimento, mas também para que se pergunte pelas razões políticas dessa primeira emancipação no território da Colônia.

Se os falantes da língua alemã de Nova Friburgo provinham de Becherbach, próximo a Kirn, no Palatinado, os de São Leopoldo eram dinamarqueses! Havia fugido dos latifúndios de Schleswig-Holstein para Hamburgo e lá foram tirados de prisões por von Schaeffer e embarcados para cá. A segunda leva veio das casas de correção e prisões de Mecklenburg-Schwerin. Schleswig-Holstein foi incorporado pela Prússia ao Reino da Prússia, assim como Mecklenburg-Schwerin, anos depois. Mas, se olhamos as relações de imigrantes “alemães”, vejo que muitos deles nasceram na Suíça, outros vieram da Áustria, da Hungria. O Arnaldo Maedche descende de “alemães” vindos da Bessarábia (Romênia), os Hass vieram da Sibéria (Rússia). Uma infinidade veio de Luxemburgo, da França (Alsácia-Lorena). Os antepassados

do Dr. René Gertz e de Armino Schmechel vieram da Ucrânia, os Polenz vieram da Prússia Oriental, hoje Polônia, o mesmo acontecendo com quem veio da Silésia. Parte da Silésia hoje faz parte da Eslováquia. Mas tem também os boêmios, que hoje fazem parte da República Tcheca. Não podemos esquecer dos holandeses que se fixaram no que hoje é São Vendelino. Também não dá para esquecer dos trentinos. Louraine Slomp Giron, a historiadora da imigração italiana, sempre fez questão de dizer que na casa de seus avós se falava o alemão. A língua do Tirol era o alemão, e Milão foi capital do Sacro Império Romano Germânico, nos tempos de Frederico Barbarossa. Todos esses são nossos “alemães”. Usar a bandeira da República Federal da Alemanha é muita pobreza. O erro também foi sacramentado pelo Governo do Estado ao formar a Comissão do Bicentenário. Historiadores só são chamados depois da festa encerrada.

Mesmo assim, em 2024, estaremos comemorando, na região dos vales dos rios dos Sinos e Caí, bem como nos de seus afluentes. Por determinação de José Bonifácio de Andrada, o Major Jorge Antônio von Schäffer foi enviado à Europa para recrutar soldados para formar Batalhões de Estrangeiros no Brasil que haveria de se tornar independente. Deveriam vir “misturados” casais de agricultores que seriam instalados no Sul do Brasil, “à moda dos cossacos”. Estes viviam em aldeias no território da atual Ucrânia e em tempos de paz eram agricultores exercitando-se para a guerra; em tempos de guerra viravam soldados. Os cos-

sacos de São Leopoldo participaram das guerras do Prata, da Farroupilha, da Guerra do Paraguai, da Federalista, e da Segunda Guerra Mundial. Lembro aqui de Bertholdo Weber, nascido em Linha Marcondes (hoje Nova Petrópolis) e intérprete de Mascarenhas de Moraes. Hillebrand nos lembra que em 20 de fevereiro de 1827, “voluntários alemães” de São Leopoldo participaram da Batalha do Passo do Rosário. “Voluntários”, laçados por Hillebrand na Colônia Alemã de São Leopoldo, participaram das forças imperiais na revolução Farroupilha, o que depois geraria animosidades que se procurou superar, por exemplo, com a criação de CTG em Lomba Grande.

Von Schaeffer teve dificuldades para contratar imigrantes. Mas teve apoio do Senador de Polícia, em Hamburgo, e do Grão-Duque de Mecklenburg-Schwerin e trouxe ao Brasil detentos. Os solteiros ficaram no Rio de Janeiro e se tornaram soldados dos Batalhões de Estrangeiros, os casais vieram para São Leopoldo. Haviam sido recrutados nos meses de fevereiro e março de 1824 e com eles haviam sido assinados contratos, que muito embora não foram cumpridos na íntegra. Quem o afirma é João Daniel Hillebrand. Os primeiros colonos foram embarcados nos meses de **março e maio de 1824**.

O problema foi que já estando no mar os primeiros colonos só então foi promulgada a Constituição do Império, possibilitando também o ingresso de não católicos. Daí o parágrafo 5 dessa Constituição que lhes assegurava o sta-



tus de “tolerados” ou “permitidos”. Não seriam cidadãos, mas “súditos”. Só estando os primeiros colonos no mar, em 31 de março de 1824, o Governo Imperial ordenou a medição das terras da Real Feitoria do Linho Cânhamo, apenas iniciadas 80 dias depois.

Como sabido e propalado, os primeiros colonos de língua alemã chegaram à Real Feitoria do Linho Cânhamo em 25 de julho de 1824. No entanto, em **18 de agosto de 1824**, o então Presidente da Província do Rio Grande do Sul, José Feliciano Fernandes Pinheiro, solicitou a D. Pedro I, através do ofício nº 4, de 18 de agosto de 1824, a graça de poder denominar o estabelecimento colonial de **Colônia Alemã de São Leopoldo**. Pedro I, por Portaria de **22 de setembro de 1824**, concordou com a **designação**. Vamos celebrar 25 de julho ou 22 de setembro?

Um mês antes, em **20 de agosto de 1824** tiveram início as **medições** das terras da Real Feitoria do Linho Cânhamo. A arbitrariedade foi grande. Proprietários com títulos foram considerados intrusos em suas próprias terras! A medição durou 91 dias, sendo finalizada em **19 de novembro de 1824 e publicada, em Porto Alegre, em 25 de novembro de 1824**. Nesse meio tempo, os colonos estavam no atual bairro da Feitoria. Em julho havia chegado o primeiro transporte com 40 colonos, em novembro o segundo com 81 colonos.

Em **23 de fevereiro de 1825**, Portaria nomeia o Coronel Engenheiro João Baptista Alves Porto com a incumbência de



medir as colônias que seriam destinadas aos colonos. Como as medições anteriores haviam sido muito malfeitas e havia recursos de proprietários, Porto teve que refazer toda a medição. Nesse mês de fevereiro chegava o terceiro transporte com 62 colonos! Já eram 183 os colonos à espera de terra.

O Coronel Porto dividiu as terras da Real Feitoria do Linho Cãnhamo em 160 Colônias, logo seu desafeto José Thomaz de Lima redistribuiu as terras em 296 (!) Colônias, criando grande confusão. Houve colonos que receberam parte do rio dos Sinos. Os colonos foram assentados de 300 em 300 metros de frente. Não houve medição de profundidade. São Leopoldo nasceria com grandes problemas de terra e sua vida judiciária está marcada por esses conflitos. Muitas escrituras falam em “mais ou menos”. Em São José do Hortêncio, Ivoti, Picada 48 e Campo Bom havia proprietários de sesmarias que tiveram suas terras anexadas por José Tomaz de Lima, gerando ódios de “nacionais” em relação aos colonos imigrantes que fariam parte de nossa história. A Colônia Alemã de São Leopoldo foi marcada por conflitos de terras. Esses conflitos levariam a conflitos diplomáticos, principalmente após a visita do Embaixador da Prússia, von Eichmann, na década de 1860. Os problemas não foram vistos apenas na década de 1860.

Tanto assim que, em **21 de julho de 1825**, o Aviso do Presidente da Província do Rio Grande do Sul determinou pagamento de subsídios aos colonos de São Leopoldo, à razão de 160 réis por dia no primeiro ano, e 80 réis por dia no segundo ano. De fato, o Diretor da Colônia José Thomaz de

Lima, filho bastardo de Monsenhor Miranda, também administrava o armazém onde os colonos podiam fazer compras e só entregava os alimentos a que os colonos tinham direito, se suas mulheres lhes prestassem “favores”. As notícias chegaram à Europa. Em Petrópolis/RJ não foi diferente.

De fato, em **11 de abril de 1827**, foi assinada Portaria pelo Monsenhor Miranda, responsável pela imigração no Governo Imperial, dirigida ao Consulado Imperial de Bremen, assegurando o cumprimento dos contratos estabelecidos com os colonos.

Nos anos de 1829, 1831 e 1852 há conflitos com indígenas.

Os subsídios, medições e distribuição de terras terão seu final em **15 de dezembro de 1830**, quando no Rio de Janeiro, os deputados latifundiários votaram lei proibindo despesas com a colonização estrangeira. Ainda assim, a Colônia Alemã de São Leopoldo continuou a se desenvolver e nem mesmo os dez anos da Farroupilha diminuíram seu desenvolvimento. Após 1830, colonos continuaram a reclamar subsídios que não haviam recebido antes de 15 de dezembro de 1830.

Em **18 de setembro de 1831**, a sede da Colônia passou a ser Capela Curada e passou a ter seu primeiro Juiz de Paz, na pessoa de Manoel Bento Alves, tendo como suplente o Pe. Antônio Nunes da Silva. Até 1831, o sacerdote que atendia à Colônia e vinha de Gravataí.

Viria, contudo, a revolução Farroupilha, que dividiu a Colônia e deixou sequelas para os anos posteriores a 1845.

Elas derivam, principalmente, do fato de os colonos liderados por João Daniel Hillebrand, entrementes Diretor das Colônias, se colocarem ao lado do governo imperial. Hillebrand soube ser autoritário e nem sempre correto no recrutamento dos colonos como aconteceu no recrutamento de “voluntários” que morreriam junto ao rio Camaquã, quando do ataque ao estaleiro de Garibaldi. Finda a Farroupilha veio a emancipação. Se em 1830 o Governo Imperial se afastava da Colônia por pressão dos deputados latifundiários, em 1846, o Governo Provincial lavava as mãos.

Em **18 de janeiro de 1846** é sagrado o primeiro templo luterano, na povoação de São Leopoldo. Desde então, a cada ano e nessa data, passou a ser comemorado o “**Kerb do Passo**”, “die Passer-Kerb”. Com a sagração da Igreja de Cristo (Igreja do Relógio), a data foi esquecida e os luteranos passaram a comemorar o 15 de novembro de 1911. Há poucos anos tentou-se inventar tradição, criando Kerb no início de dezembro.

Com 22 anos de existência, São Leopoldo passava a ser o 15º município do Rio Grande do Sul, criado pela Lei Provincial nº 4, em **1º de abril de 1846**. (João Daniel Hillebrand nos informa que a “villa” de São Leopoldo teria sido fundada em 31 de dezembro de 1853. Não descobri a razão.). Em 24 de julho de 1846 era instalada a primeira Câmara Municipal do município de São Leopoldo. O município criado não tinha sede, por isso, as sessões eram realizadas na casa do vereador Francisco José de Souza, situada na rua do Passo (Independência),

distante duas quadras do rio. Ela foi adquirida dois anos mais tarde e, em 1858, começou-se a construir um prédio próprio.

Como a sede do município de São Leopoldo fosse “villa”, foram apenas sete os vereadores eleitos, sendo o mais votado o até então Juiz de Paz Major Manoel Bento Alves que assumiu o comando da Câmara e, conseqüentemente, do município. Somente a partir de 1864, quando a sede passaria a ser considerada “cidade”, o município poderia eleger 9 vereadores.

Todos estes primeiros vereadores eram “lusos”, descendentes de portugueses. Eles dirigiriam uma sociedade sui generis, distinta do restante da sociedade brasileira, pois formada basicamente por pequenos proprietários e artesãos. Uma pergunta que fica é: por que só “lusos”? Os filhos dos imigrantes nascidos na Colônia Alemã de São Leopoldo teriam, em 1846, no máximo 22 anos; a idade mínima para ser votante e candidato era 25 anos. Além disso, foi somente a partir de 3 de setembro de 1846, pela lei nº 397 que foi possibilitada a naturalização de imigrantes, que poderiam ser votantes e votados, caso tivessem comprovação de renda adequada.

Em 1846 a soma total dos colonos na Colônia era 5.393. Tinham 90 escravos. O número de fogos era 1.041. Já nas linhas divisórias da Colônia viviam 417 pessoas consideradas “brasileiros”.

Mesmo depois de naturalizados e seus filhos nascidos no Brasil terem condições de se tornarem vereadores, houve grande resistência de parte da população “lusa”. O argumento

que encontramos de parte da elite “lusa” era a de que os colonos não queriam abrasileirar-se. Além disso, durante a Farroupilha haviam permanecido fiéis ao governo imperial, liderados por Hillebrand. Hillebrand, aliás, sempre seria alvo de críticas e mentiras de vereadores, apesar da defesa que lhe fazia Bento Alves.

Com a elevação da sede da Colônia à categoria de vila e sua transformação em município, a Província deixou de realizar uma série de obras que até então eram de sua responsabilidade. Hillebrand as enumera em seu Relatório de 1854:

1. Abertura da estrada que segue da Vila de S. Leopoldo à Colônia do Mundo Novo, passando pela Capela de Santa Cristina, vulgarmente denominado Pinhal.;
2. A compostura de todas as estradas de comunicação em geral que atravessam a Colônia;
3. A continuação da limpeza do Rio dos Sinos até o Mundo Novo;
4. Resumir o trajeto de navegação do Rio dos Sinos, ou como vulgarmente se diz, cortar e canalizar várias sinuosidades do mesmo Rio; podendo-se assim diminuir a distância a navegar-se quatro a seis léguas; além disso tornar navegável este Rio em muitos lugares onde a passagem se torna sumamente difícil e perigosa com pequenas embarcações;
5. A edificação de uma ponte de pedra sobre o rio da Cadeia na Picada do Hortêncio;

6. A edificação de uma ponte de pedra sobre o rio da Cadeia entre a dita picada do Hortêncio e picada Nova;
7. A edificação de uma ponte de pedra sobre o rio da Cadeia, no lugar onde este rio atravessa e corta a comunicação no prolongamento da referida Picada Nova;
8. A edificação de uma ponte de pedra sobre o rio da Cadeia, na picada dos Dois Irmãos;
9. A edificação de uma ponte sobre o Rio Feitoria na mesma picada dos Dois Irmãos;
10. A exposição anual ou bianual dos produtos agrícolas e industriais da Colônia premiando aquele que apresentar os melhores produtos;
11. A organização de uma escola normal agrícola e industrial;
12. A organização de uma agência de correios, de que tratei no artigo “Movimento Comercial”;
13. A fundação de aulas Primárias Nacionais, de que igualmente tratei na parte competente.

A Província continuou a cobrar impostos sobre a produção da Colônia e o Município teve que criar seus próprios impostos. Não era pequena a produção da Colônia, 22 anos após sua criação. Hillebrand a enumera em ordem alfabética: “Arroz, Arreios completos, Azeite de abóbora; Abóboras, Algodão, Azeite de mamona, Arados, Amendoim; Batata inglesa, Aguardente de cana, Azeite de amendoim, Batata doce, Botins, Baús, Balanças grandes de ferro, Banha

de porco, Barbante, Bassouras ditas americanas, Balaios de taquara, Balaios de cipó, Cabos de linho, Cordas finas, Cabras, Cinza para lixívia, Cobertores de algodão acolchoados, Chifres de bois e vaca, cevada, Cebola, Cana de Açúcar, Cerveja em barris, Cerveja em garrafa, Cabelo de Cavalo, Couros sortidos (solda e vaquetas), Couros garroteados brancos, Cepos para tamancos, Carros de quatro rodas, Carros de duas rodas, Carros de mão, Carretilhas, Couros de veado curtidos, Carvão de lenha, Canoa de timbaúva, Centeio, Charutos, Cola para marceneiros, Cartucheiras, Cavalos de praça ou de luxo, Carne de porco e de vaca salgada ou de fumaça, Ervilhas secas, Eipim, Estribos de ferro, Enxadas de superior qualidade, Feijão preto e branco, Farinha de Mandioca, Farinha de milho, Farinha de centeio, Frangos, Fumos de várias espécies, Ferragens para engenhos, Fio grosso de algodão, Fio de linho para sapateiro, Galinhas, Guaiacas de couro, Gamelas de pão, Gansos gordos, Gado gordo para açougue, Herva mate, Hervas medicinais, Junco em feixes, Lentilhas, Linhaça (semente), Laranjas, Lenha, Louros para celeiro, Louça de barro, Linguíça de porco, Lanchões prontos para navegar, Linhagem de algodão para sacos, Licores entre finos e ordinários, Milho seco e verde, Manteiga, Melancias, Mel de abelha, Meios de sola, Madeiras para marceneiros, Madeiras de construção, Malas de couro, Marrecos mansos, Melado, Machado de superior qualidade, Maças secas e frescas, Óleo de linhaça, Ovos de galinha, Obras de marceneiro (mobi-

lia), Obras de folhas de flandres, Obras de ourives, Pêssegos passados e verdes, Polvilho, Patos, Perus, Porcos gordos de vários tamanhos, Planchões de grapiúna, Idem de louro, Idem de cedro, Idem de timbaúba, Idem de canjerana, Pentetes de chifres, Pás de ferro, Peneiras de taquara, Repolhos verdes, Repolhos em conservas, Ripas de girivá, Rapadura, Sapatos sortidos, Tipitim de taquaruçu, Idem de palha de girivá, Toucinho, Tamancos, Teares de várias espécies, Vinagre, Vinho branco, Ventiladores para limpar cereais”. Em 1864, São Leopoldo passa à categoria de cidade. Neste ano, cinco dos nove vereadores eleitos terão sobrenome alemão.

Parece-me que atualmente estão em discussão algumas questões que podem impedir as comemorações a antiga Colônia Alemã de São Leopoldo. 25 de julho seria a data para se comemorar os 200 anos da Colônia e da chegada de alemães. 1º de abril de 1846 seria data apropriada para se comemorar São Leopoldo, pois aí seria criado o município. Tal separação não me parece apropriada. 1º de abril de 1846, assim como a elevação da vila à condição de cidade em 1864 são evoluções de processo iniciado em julho de 1824. 200 anos valem para a atual São Leopoldo, para os municípios que dela se emanciparam, para o Rio Grande do Sul, no qual o iniciado em 1824 teve continuidade e além de suas fronteiras. Vamos comemorar a caminhada iniciada em 1824.





## TEXTO II



# MIGRAÇÃO: O JEITO DE SER HUMANIDADE

*Elton Bozzetto*<sup>1</sup>

- **(Dt 26,5-6)**

*O meu pai era um arameu errante. Ele desceu ao Egito com pouca gente e ali viveu e se tornou uma grande nação, poderosa e numerosa. Mas os egípcios nos maltrataram e nos oprimiram, sujeitando-nos a trabalhos forçados.*

## SITUAÇÃO MUNDIAL

Segundo dados estimados, em todo o mundo 5,2 bilhões de pessoas não vivem mais onde nasceram. São envolvidos em migrações internacionais ou migrações internas no interior do país de origem, conforme a descrição feita acima. Somente no ano de 2022, 108,4 milhões de pessoas foram forçadas a abandonar suas casas ou locais de origem, assumindo a condição de refugiados.

---

<sup>1</sup> ELTON BOZZETTO: Filósofo, jornalista e membro do COMIRAT/RS. Representante da sociedade civil do Rio Grande do Sul no FONACCERAM.

## BRASIL

Dados oficiais do Ministério da Justiça indicam que vivem no Brasil atualmente 1,7 milhão de imigrantes. Esse dado representa menos de 2% da população atual do país. Esse é um dos menores índices do mundo. No Reino Unido, 13,2% da população é constituída de migrantes. Na Itália, esse percentual chega a 7,6% da população total.

Mesmo com a pandemia e precarização das condições econômicas do país no último governo, o fluxo migratório para o país segue acelerado. As informações recentes indicam que, todos os dias, ingressam no Brasil quinhentos (500) migrantes pelos 36 postos de fronteira e aeroportos internacionais, em busca de residência no país.

Em contrapartida, o número de brasileiros vivendo no exterior bateu novo recorde, totalizando 4,5 milhões de pessoas, em 2020, segundo o dado oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O destino mais procurado pelos brasileiros são os Estados Unidos da América, que representam 46.06% da distribuição regional da comunidade brasileira no exterior.

Do total de quase dois milhões de imigrantes no Brasil, as solicitações de reconhecimento de refúgio chegam a 348.067. Outros 65.811 tiveram a condição de refugiadas aceita. Nos últimos anos, esses indicadores são liderados por venezuelanos e cubanos. Recentemente, está aumentando a chegada de afegãos que ingressam pelo Aeroporto

de Guarulhos/SP ou pelo Acre nas rodovias que ligam as cidades de Puno e Cuzco. A condição de refugiados já foi aceita para 65.811.

Os números revelam a continuidade do fluxo migratório para o Brasil. Os pedidos de refúgio no Brasil dispararam neste período pós-pandemia, corroborando essa constatação:

- **Pedidos de Refúgio em 2022: 50.355**
- **Pedidos de Refúgio em 2021: 27.000**

Uma especificidade se destaca em relação aos indígenas venezuelanos, um segmento que representa uma novidade no fenômeno migratório, porque os povos indígenas têm um vínculo estreito e forte com a terra, a ancestralidade e a localidade onde estão estabelecidos. Já migraram para o país nos últimos cinco anos 10,1 mil indígenas Warao, experimentando uma verdadeira diáspora, porque se espalharam por todo o território brasileiro. Desses, apenas 4,3 mil estão inscritos no CADÚNICO, ou seja, beneficiados pela política pública de proteção social.

## **RIO GRANDE DO SUL**

A região Sul é a segunda do Brasil que mais recebe migrantes. São acolhidos nos três estados do sul 22% de todos os migrantes que chegam ao país. O Rio Grande do Sul tem atualmente 108 mil migrantes, sendo que 27 mil migrantes residem em Porto Alegre. A principal fonte de tra-

balho formal é a indústria da alimentação. Somente a JBS tem 6,8 mil migrantes trabalhando, e constitui 26% do total de seus colaboradores. No ano de 2022, o estado registrou o ingresso de migrantes de 52 nacionalidades diferentes.

Uruguai, Haiti e Venezuela são os três países com maior número de migrantes na população do Rio Grande do Sul. Concentrados em sua maior parte na região de Fronteira, os uruguaios contam, tradicionalmente, com participação expressiva no dia a dia de municípios como Chuí, Quaraí e Santana do Livramento, enquanto haitianos e venezuelanos ganharam espaço na lista de migrantes do RS desde 2018 e com presença espalhada por todo o território gaúcho.

### **“FRONTEIRAS” DESUMANAS**

Se não bastassem as restrições impostas nas fronteiras geográficas para o ingresso de migrantes impostas num universo de rejeição e da falta de governança mundial do fenômeno migratório imposta pela geopolítica das nações dominantes, pelo descompasso da falta de um diálogo sério e comprometido e do interesse econômico hegemônico e exploratório, os migrantes enfrentam terríveis “fronteiras” subjetivas que provocam maior sofrimento do que o ingresso no Brasil. Três posturas são as que mais de expressam no cotidiano da convivência com o migrante:

**Xenofobia:** é o conceito que define as manifestações de aversão, hostilidade e ódio contra pessoas que são estran-

geiras ou são vistas como forasteiras. É uma aversão humana simplesmente porque a pessoa é oriunda de outro país. À xenofobia agrega-se também a aporofobia, ou seja, ódio somente porque o migrante é pobre.

**Racismo:** é o preconceito e a exclusão social da pessoa migrante com base na cor de sua pele. A maioria dos migrantes são negros, o que denota um fenômeno mundial de exclusão social e imposição da supremacia branca no acesso aos benefícios do desenvolvimento econômico. O Brasil tem atualmente 61 mil mulheres migrantes formalmente registradas no mercado de trabalho. A maioria absoluta são negras. Por isso, as migrantes são contratadas com os menores salários pagos às mulheres no Brasil.

**Preconceito:** é o sentimento hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal que resulta em intolerância ao diferente. Com frequência se expressa numa opinião formada precipitadamente em relação ao migrante, sem maior ponderação e antes mesmo de se ter conhecimentos necessários sobre a pessoa ou a condição que a obrigou a migrar. Os preconceitos mais comuns são aqueles contra a condição social, nacionalidade, origem ou orientação sexual, situações que caracterizam a maioria das pessoas em situação de mobilidade humana. Essa postura se evidencia na falta de respeito e empatia com a condição das pessoas migrantes.

## RIQUEZA DA MIGRAÇÃO

Os migrantes não incorporam apenas força de trabalho. Também enriquecem o Rio Grande do Sul com suas crenças, aspectos étnicos, cultura e estilo de vida. O migrante sírio Abdulbaset Jarour, que se descreve como um brasi-sírio apaixonado pelo Brasil descreve com precisão o aporte importante de suas características. “Somos a diferença que Deus criou para formar a beleza da terra. O rosto, o sotaque, a diversidade são o encanto que formam nosso mundo”.

O migrante e jornalista Victor Babu Lizarraga, afirmou que a história que cada migrante traz é a história de um povo. “Ele traz no olhar, no gesto, no rosto a comunicação de riqueza de sua cultura. Por isso, não se pode ignorar a origem, porque ela permite reconhecer a riqueza cultural que forma o mundo”.

Ao mesmo tempo, a simples presença do migrante constitui um apelo e um desafio para superar a discriminação que caracteriza a postura de muitos brasileiros. O artista e cantor nigeriano, Lumi Olumide Obafemi é incisivo ao apontar barreiras a serem superadas: “já derrubamos muitos muros, mas há muralhas para a gente derrubar”.

## DESAFIOS DA ATUALIDADE

As Organizações da sociedade civil, os organismos governamentais e os agentes sociais sensíveis e envolvidos na temática migratória têm a responsabilidade e a missão de enfrentar com celeridade uma série de desafios diante de

realidades que impedem a acolhida a proteção, a promoção e a integração dos migrantes:

- **Respostas humanitárias urgentes:** em razão da continuidade do fluxo para o Brasil e para o Rio Grande do Sul é fundamental ampliar e qualificar estratégias humanitárias de acolhimento;
- **Ativar iniciativas e estruturas de acolhimento:** com ações municipais e estaduais numa ação de parceria entre governo e sociedade civil;
- **Políticas públicas intersetoriais:** assegurar o acesso dos migrantes aos benefícios das políticas públicas de diferentes setores dos municípios ao Governo Federal;
- **Qualificação da rede de atendimento:** com formação, orientação e nova conceituação para o atendimento do migrante na rede públicas e privada;
- **Proteção e integração local:** ampliar a compreensão para a importância de entender, cuidar do diferente e diversificar as estratégias para atender as especificidades culturais e étnica de cada segmento de migrantes;
- **Estratégias de qualificação para inclusão produtiva:** desenvolver programas e iniciativas públicas de qualificação e conexão com as demandas locais, além de reconhecimento da equivalência de ensino técnico e revalidação de certificação superior;



- Implementação de uma efetiva coordenação federativa para o acolhimento, a integração e o acesso às políticas públicas pelos migrantes;
- Sobrecarga da sociedade civil no acolhimento e proteção, uma vez que as OSCs são as principais responsáveis pela acolhida e integração local;
- Respeito às diferentes culturas, expressões religiosas e sistemas educacionais e relacionais da população migrante;
- Consolidação e implementação imediata do Art. 120 da Lei Federal nº 13.445 (24 de maio de 2017), que estabelece a criação de uma política pública para a população migrante;
- Garantir o protagonismo dos migrantes nos espaços de democracia participativa, que são responsáveis pela proposição, deliberação e controle social das políticas públicas.

## **ESTRATÉGIAS DE ARTICULAÇÃO**

O acolhimento, atendimento e integração dos migrantes devem resultar de um compromisso e empenho conjunto de governos e sociedade civil. Para tanto, é fundamental a criação e a consolidação de espaços de articulação e efetivação de ações e políticas públicas.

No âmbito dos municípios é fundamental a criação de uma política pública que se consolide na constituição de comitês e

conselhos paritários nos quais as demandas, as proposições e a construção de projetos e programas possam se tornar efetivas e consequentes.

No âmbito estadual, existem duas instâncias importantes. A primeira é o Comitê de Atenção aos Migrantes, Refugiados, Apátridas e Vítimas do Tráfico de Pessoas (COMIRAT/RS), que tem coordenação da Secretaria de Direitos Humanos do Estado, com forte presença e atuação de entidades da sociedade civil e das universidades. Também existe uma potente articulação da sociedade civil, o **Fórum Permanente de Mobilidade Humana (FPMH)**. Este coletivo tem atuação forte em três áreas: rede de acolhimento, mobilização social e incidência política. O FPMH, criado em 2011, tem reuniões plenárias mensais e uma forte conexão permanente que aciona a rede para atuação conjunta e cooperativa.

Em âmbito nacional, por proposição do Rio Grande do Sul, foi criado em 2022, o Fórum Nacional de Coletivos e Colegiados de Refúgio, Apatridia e Migração (FONACCERAM). Esse órgão tem a presença de uma representação da sociedade civil e uma representação governamental de cada estado que possua Comitê ou Conselho de Migração instalado e em pleno funcionamento.

Um dos aspectos mais importantes dessa estratégia de articulação é que, em todas as instâncias, existe uma efetiva participação dos migrantes, estratégia que assegura o protagonismo dos migrantes nos processos de proposição, construção e efetivação de políticas de acolhimento e integração social.



**JULGAR**



# **ILUMINAÇÃO BÍBLICA**

**ALARGA O ESPAÇO DA TUA TENDA**

**(Is 54,2)**

## TEXTO I



# ALARGA O ESPAÇO DA TUA TENDA

(Is 54,2)

*Ildo Bohn Gass<sup>1</sup>*

*Pe. Ramiro Mincato<sup>2</sup>*

A fim de compreender melhor o lema do 16º Encontro Estadual das CEBs, convém contextualizar nosso lema no capítulo 54 do profeta Isaías.

Is 54 é um oráculo de libertação que Javé proclama para a cidade de Jerusalém, personificada como mulher – mãe, viúva e esposa. A capital de Judá fora devastada pelos babilônios no 6º séc. a.C. Na linguagem do profeta Jeremias, esta era a situação da cidade: *A minha tenda está devastada, e todas as minhas cordas estão cortadas. Meus filhos deixaram-me: não existem mais. Não há ninguém que possa novamente estender a minha tenda e levantar as lonas* (Jr 10,20).

---

<sup>1</sup> ILDO BOHN GASS: Católico, biblista e membro do CEBI-RS. Presta assessoria para diferentes igrejas e movimentos populares por todo o Brasil.

<sup>2</sup> PE. RAMIRO MINCATO: Pároco da São José Operário, Fião, em São Leopoldo/RS.

No 1º versículo de Is 54, Deus convida a estéril a se alegrar diante dos muitos filhos que migrarão de volta do exílio, como um novo êxodo, a fim de repovoar a cidade abandonada (cf. v. 3).

Para acolher esses inúmeros filhos, Javé proclama para Jerusalém: *Alarga o espaço da tua tenda e estende as lonas das tuas moradas. Não te detenhas, alonga as cordas e reforça as estacas* (Is 54,2). Agora haverá lugar para todos os migrantes que estão a caminho, pois a tenda foi alargada, as lonas foram estendidas, as cordas foram prolongadas e as estacas, reforçadas.

## **BÍBLIA HEBRAICA, UM ESCRITO DE MIGRANTES PARA MIGRANTES**

A principal edição da Bíblia Hebraica foi de migrantes para migrantes. Migração é elemento constitutivo da identidade do Antigo Israel.

“Meu pai era um arameu errante” (o que se extravai). Assim começa a mais antiga profissão de fé nas narrativas que fazem memória da origem de Israel (Dt 26,5b-10a). É um povo que nasceu como povo migrante, sempre sujeito a maus tratos, humilhações e escravidão. E Javé chama Moisés para liderar o processo de libertação que se dá como uma grande migração desde a opressão para a liberdade, da humilhação para a dignidade.

Não é por acaso que o nome do filho mais velho de Moisés e Séfora é Gérson (Ex 2,21-22; 18,3-4), dando identidade a esse povo migrante, pois significa “sou um imigrante em terra estrangeira”. A palavra hebraica para migrante, forasteiro, estrangeiro em trânsito é *ger*.

A Torah (Pentateuco) está repleta de migrações, de idas e vindas. Nas narrativas a respeito de Abraão e Sarah (Gn 12-25), por exemplo, vemos eles migrando desde Ur da Caldeia para Harã (Gn 11,31); de Harã para o Negueb, acampando em Siquém e Betel (Gn 12,4-10); do Negueb ao Egito (Gn 12,10); do Egito voltam ao Negueb (Gn 13,1), a Betel (Gn 13,4) e migram até Hebron (Gn 13,18). E assim seguem sua peregrinação nos demais capítulos, realizando a missão que receberam de Deus (Gn 12,1-3).

Rebeca migra de Harã para se casar com o primo Isaac, que morava no Negueb (Gn 24). Assim como Abraão e Sarah migraram para o Egito por causa da fome, também Isaac e Rebeca migram para Gerara por causa da fome (Gn 12,10; 26,1). De lá, peregrinam para Bersabeia (Gn 26,23).

Também a vida dos filhos de Isaac é vida de migrantes. Esaú, também chamado Edom (Gn 25,30), migrou para Edom (Gn 32,4). No entanto, quem mais peregrinou por aí foi seu irmão Jacó. Na disputa pela primogenitura (Gn 27), houve conflito entre os irmãos e Jacó teve que fugir, indo morar com seu tio Labão em Harã (Gn 27,46-28,5; 28,10), passando por Betel (Gn 28,11-22). Anos depois e já casado com duas

primas e com 11 filhos, migra de volta para Canaã, reconciliando-se com seu irmão (Gn 31,1-37,1).

Em Gn 37, lemos a respeito do conflito entre José e seus irmãos, que o vendem como escravo, e ele é levado para o Egito. Mais uma vez por causa da fome (Gn 41,53-57), vemos idas e vindas dos filhos de Jacó para o Egito, a fim de comprar farinha (Gn 42-45). Por fim, toda família migra para o Egito (Gn 46).

Nos livros de Êxodo ao Deuteronômio, temos a grande peregrinação de um povo escravo que se liberta movido pela fé no Deus libertador. É uma narrativa pedagógica a respeito de uma migração como processo de libertação, como aprendizado de um novo projeto de confiança em Deus e que está junto em todo o processo migratório (Ex 3,12; 14; 17). É um projeto de partilha econômica (Ex 16) e política (Ex 18) e de uma nova ética (Ex 20). O objetivo final é vida livre em terra partilhada (Ex 3,7-10).

E assim seguem inúmeras migrações no decorrer das narrativas sobre as peripécias dos filhos de Israel.

Até personagens de novelas bíblicas interpretam enredos em meio a migrações. Assim é com Rute e a família de Noemi, com Ester e Mardoqueu, bem como com Jonas.

### **Causas das Migrações**

A fome é uma das principais razões pelas quais as pessoas migram. Entre outras situações, lembramos a ida de



Sarah e Abraão ao Egito (Gn 12,10-20), de Rebeca e Isaac a Gerara (Gn 26,1), da família de Jacó para o Egito (Gn 41,53-42,5; 46) e da família de Elimelec e Noemi para Moab (Rt 1,1).

Casos mais isolados de migrações têm como motivação intrigas familiares. Como exemplos, citamos os conflitos entre Sarah e Agar (Gn 16; 21), entre Jacó e Esaú (Gn 25-36), bem como entre José e seus irmãos (Gn 37).

Há ainda refugiados políticos por tentativas de assassinato. São os casos, entre outros, de Moisés (Ex 2,11-22), de Jeroboão (1Rs 11,26-40), de Elias (1Rs 19,1-9) e do próprio Jesus (Mt 2,13-23).

Na sociedade do Antigo Israel, as pessoas mais vulneráveis eram o órfão, a viúva e o forasteiro ou migrante. Não é por acaso que a legislação no Pentateuco tanto os proteja. No Livro do Deuteronômio, esse trio aparece 11 vezes lado a lado (10,18; 14,29; 16,11.14; 24,17.19.20.21; 26,12.13; 27,19). Exceto em 10,18, nas demais vezes as três palavras sempre se encontram na seguinte ordem: migrante, órfão e viúva. O que dá a entender que o forasteiro era o mais frágil entre eles. Assim ainda aparece em Jr 7,6; 22,3, cujo texto é contemporâneo do Deuteronômio.

A principal razão para que houvesse tantos forasteiros e viúvas com seus órfãos era a violência das guerras imperialistas, primeiro dos assírios entre 735 e 700 a.C., quando Samaria, a capital do reino do norte foi destruída (722 a.C.). Não somente houve migrações forçadas para a Meso-

potâmia (2Rs 17,1-6.24; 18,9-12), como também muitos israelitas migraram para Judá, no sul. E muitos guerreiros foram mortos, deixando as viúvas com suas crianças. Depois, houve as invasões dos babilônios (597 e 587 a.C.). Mais destruição, mais mortes, mais refugiados, mais deportações (2Rs 24,10-17; 2Rs 25,8-21; Jr 52,28-30).

É em função dessa situação que são elaboradas as leis de proteção para as pessoas mais pobres e frágeis naquela sociedade, como veremos logo adiante.

Projetos de libertação da opressão também geram migrações. Assim foi a caminhada libertadora do Êxodo (livros do Êxodo ao Deuteronômio), bem como as migrações da Babilônia de volta para a Judeia (Is 40-55; 56-66; Esd 1-2; 7,27-8,36; Ne 1-2).

Chamados para alguma missão igualmente levam pessoas a migrar. Começa com Abraão, a quem Deus promete bênção de povo e terra. Ele mesmo será uma bênção para as famílias do campo (Gn 12,1-4.7; 13,15; 15,18). Também Moisés vai de Madiã para o Egito (Ex 3-4). Jonas tenta fugir para Tarsis, mas acaba assumindo a missão e indo para Nínive (Jn 1-4).

### **Legislação em Defesa dos Migrantes**

Todos os grandes códigos legislativos na Torah têm várias leis de proteção das pessoas mais vulneráveis, entre elas, os migrantes. Vejamos.

A terra não será vendida perpetuamente, pois a terra é minha e vós sois para mim migrantes e hóspedes (Lv 25,23). Aqui, migrantes e hóspedes têm sentido teológico, fundamentando o uso socialista da terra. A terra pertence somente a Deus. Em consequência disso, ninguém pode apropriar-se de pedaços de terra.

Se todos os seres humanos são migrantes na terra como hóspedes de Deus, então cada pessoa tem direito a nela viver com dignidade. Como é possível que pessoas de fé legitimem a propriedade privada da terra em nome de Deus?

Dt 24,17 e Dt 27,19 são contundentes na defesa do direito dos migrantes. Esse direito se desdobra em um conjunto de medidas, como segue.

Dt 10,17-19 nos revela que Javé é uma divindade que não faz acepção de pessoas. É o Deus da inclusão, da acolhida, fazendo justiça ao órfão e à viúva, e amando o migrante, dando-lhe pão e roupa. E Deus nos convida a amarmos o migrante. Em Lv 19,34, encontramos a medida do amor ao migrante: *vós o amareis como a vós mesmos*.

A lei que proíbe a opressão sobre o migrante aparece várias vezes, seja nos códigos legais, seja na profecia (Ex 22,20; 23,9; Lv 19,33; Jr 7,6; 22,3).

O direito ao descanso para migrantes no sábado é garantido em três versões do terceiro mandamento do decálogo (Ex 20,10; 23,12; Dt 5,14). Assim também na Festa da Expiação (Lv 16,29).

A lei do respigar, além de ser um direito dos pobres, faz questão de lembrar os forasteiros, que certamente estavam entre os mais pobres. O direito ao pão é o primeiro dos direitos universais de todas as pessoas (Lv 19,9-10). Ainda encontramos leis a respeito do direito de respigar em Lv 23,22 e Dt 24,19-22. Também as migrantes Rute e Noemi o exercem em Rt 2,1-23.

Nas festas do povo, os mais pobres, e entre eles os forasteiros, têm direito de participar das refeições, alegrando-se com a comunidade. Assim deve ser nas festas da Páscoa (Ex 12,48-49; cf. Nm 9,14), das Semanas (Dt 16,10-11), das Tendias (Dt 16,13-14), das Primícias (Dt 26,11) e em outras festas (Lv 16,29; cf. Nm 15,14-16.26-30).

Também deve haver um dízimo especial a cada três anos, destinado aos levitas, órfãos, viúvas e migrantes (Dt 14,28-29; cf. 26,12-15).

Em casos de alguma falta, os migrantes terão os mesmos castigos dos filhos de Israel. As faltas apontadas são: sacrifícios de filhos a Moloc (Lv 20,2), blasfêmias em nome de Javé (Lv 24,16), assassinatos (Lv 24,21b-22) e ofertas inadequadas no altar (Lv 17,8-9). Os animais oferecidos devem ser sem defeito (Lv 22,18-19).

Os migrantes também devem evitar os alimentos proibidos (Lv 17,10.12-13.15), bem como os atos sexuais ilícitos (Lv 18,26).

Por fim, também os migrantes terão o direito a cidades de refúgio em caso de matar alguém involuntariamente (Nm 35,15).

E qual é a fundamentação teológica para essas medidas protetivas em relação aos migrantes? Porque fostes migrantes no Egito (Ex 22,20; cf. 23,9; Lv 19,34; Dt 10,19; 16,12; 24,18.22). Essa teologia fundamenta o respeito e a inclusão dos migrantes nas comunidades israelitas. Ao mesmo tempo, mantém viva a memória da ação libertadora de Deus.

## NOVO TESTAMENTO

### Jesus Migrante

Desde o começo do seu evangelho, a comunidade de Mateus apresenta Jesus como o novo Moisés. Os dois sobrevivem diante da ameaça de morte (Ex 2,1-10; Mt 2,13-23). Os dois migram como refugiados políticos (Ex 2,11-22; Mt 2,13-14). Os dois peregrinam do Egito para as terras de Israel (Ex 13 e seguintes; Mt 2,19-21).

Ainda jovem, Jesus adere ao movimento de João Batista, peregrinando desde Nazaré até a Judeia (Mt 3,1.13). Depois da prisão de João, Jesus migra para Cafarnaum (Mt 4,12-13).

Na sua missão evangelizadora, o Messias está sempre a caminho, como um missionário peregrino (Mt 4,18.23; 5,1; 8,1.5.23.28; 9,1.9.27.32.35; etc.). Sua peregrinação era tanta que chegou a dizer: *As raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas o filho do homem não tem onde reclinar a cabeça* (Mt 8,20; Lc 9,58).

### Jesus Defensor de Migrantes

De um lado, o profeta de Nazaré supera a xenofobia. A genealogia em Mateus revela que, nas veias de Jesus,

corria sangue de todos os povos, pois ela inclui quatro (sentido de universalidade) mulheres estrangeiras: Tamar (Gn 38; Mt 1,3), Raab (Js 2; Mt 1,5), Rute (Mt 1,5) e Bersabeia (2Sm 11-12; Mt 1,6).

Jesus acolhe estrangeiros e reconhece a grande fé deles (centurião romano: Mt 8,5-13; mulher cananea: 15,21-28). Dialoga com uma samaritana (Jo 4,4-42). Coloca samaritanos como modelos de misericórdia (Lc 10,29-37) e de gratidão (Lc 17,11-19).

De outro lado, Jesus inclui a defesa de migrantes em suas prioridades. Eu estava com fome, e me destes de comer; eu estava com sede, e me destes de beber; eu era migrante, e me recebestes em casa; estava nu, e me vestistes; doente, e cuidastes de mim; na prisão e fostes visitar-me (Mt 25,35-36). Jesus não perguntará a que nação pertencemos ou qual a tradição religiosa que professamos. Ou ainda, de que cor é a nossa pele ou qual a nossa orientação sexual. O que importa é que devemos cumprir toda justiça (Mt 3,15) em relação aos mais pequeninos, que são os irmãos de Jesus (Mt 25,40). Eles são a encarnação histórica de Jesus entre nós, o Emanuel, o Deus que está conosco.

### **O Reino de Deus Para Todas as Nações**

Ampliando a proposta de Jesus (Reino de Deus para Israel), as equipes missionárias de Paulo de Tarso peregrinam pelas periferias do Império Romano, anunciando

o projeto do Reino a todas as nações (At 10,1-11,18; 14,27; Gl 1,16; 2,9; 3,28).

Já não sois estrangeiros (xénos) e peregrinos (paroikos), mas concidadãos dos santos, e sois membros da casa de Deus (Ef 2,19).

As comunidades são lugar de acolhida, de respeito à diversidade, lugar em que se está em casa, com sentido de pertença, com cidadania, com identidade. Sem racismo, sem xenofobia, sem preconceitos, nem intolerâncias.

### Uma Carta Para Migrantes

Um lar para quem não tem casa. Esse é o tema principal da Primeira Carta de Pedro, que é escrita para comunidades que acolhem estrangeiros, migrantes, forasteiros, em meados dos anos 90 do 1º séc. Olhemos de perto três palavras gregas com que são identificados os migrantes da carta.

**Parepídemos** (1Pd 1,1; 2,11): forasteiros, exilados, peregrinos, estrangeiros em trânsito. Como não possuíam residências estáveis, não pertenciam ao povo como cidadãos e, portanto, não tinham condição legal reconhecida.

**Paroikos** (1Pd 2,11): estrangeiros residentes, peregrinos. Como residentes, mesmo não sendo cidadãos, gozavam de certa proteção legal.

**Paroikia** (1Pd 1,17): residência alheia, estadia de alguém que não é do lugar, residência no estrangeiro, peregrinação. Essa palavra grega dá origem à palavra paróquia. Nossas paróquias são casas de acolhida e de inclusão?

Em 1Pd 2,9, encontramos um projeto revolucionário para esses migrantes, cuja maioria eram pessoas escravizadas. Na comunidade que os acolhe, eles são raça eleita, isto é, têm participação plena no povo de Deus. Como forasteiros, ficaram sem sua cultura de origem, sem suas famílias. Estão desenraizados, sem identidade. Nas comunidades que os acolhem, porém, são novamente povo, adquirem uma nova identidade, há sentimento de pertença. Eles são também sacerdócio real, nação santa, vivendo hoje o mundo que esperam para amanhã. O que nós esperamos, conforme a sua promessa, são novos céus e nova terra, onde habitará a justiça (2Pd 3,13). Eles são também povo adquirido por Jesus, pertencendo somente a ele e reconhecendo que somente ele é o único Senhor.

Por fim, os autores da carta nos exortam ainda hoje: *Sede hospitaleiros uns para com os outros, sem murmurar* (1Pd 4,9).





Hand-drawn  
2003

**AGIR**



**OS MIGRANTES  
E OS DESAFIOS DA JUSTIÇA  
E DA AMIZADE SOCIAL**

TEXTO I

|||||

# A AMIZADE SOCIAL NO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO E OS DESAFIOS DAS MIGRAÇÕES HOJE

*Célio Trindade<sup>1</sup>*

*Andrei Thomas Oss-Emer<sup>2</sup>*

O tema da carta encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco “sobre a Fraternidade e a Amizade Social” deve ressoar nas nossas comunidades como um chamado a uma ação pastoral e espiritualidade que enfrentem as “sombras” do mundo de hoje para que se tornem desafios para alcançarmos a vida em abundância, a justiça, a paz e o mundo melhor. Nesta carta, o Papa Francisco nos orienta a compreender estes desafios e aponta caminhos de esperança,

---

<sup>1</sup> CÉLIO TRINDADE: Professor de Filosofia; membro das CEBs na Diocese de Novo Hamburgo.

<sup>2</sup> ANDREI THOMAS OSS-EMER: Mestre em Filosofia pela UFPel. Membro da Comissão Pastoral da Terra e da Economia de Francisco e Clara.

desse modo é essencial este tema para que reconheçamos a situação do mundo e suas migrações, nas esperanças que trazem, mas também nas suas sombras e desafios.

O Papa Francisco destaca que o estímulo para escrever esta carta foi dado pelo Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb, ao recordar que “Deus criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade, e os chamou a conviver entre si como irmãos” (FT, 5). Isto já nos mostra a espiritualidade que anima a carta encíclica *Fratelli Tutti*, que pode ser resumida no que ele próprio nos diz: “perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras” (FT, 6). Também reafirma mais adiante: “Aqui está um segredo da existência humana autêntica, já que a vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade; e é uma vida mais forte do que a morte, quando se constrói sobre verdadeiras relações e vínculos de fidelidade” (FT, 86). Temos assim uma intuição do que seria a Amizade social para Francisco. **A amizade social é um conceito e uma prática de espiritualidade que deve ser inserida na dimensão sociotransformadora da missão da Igreja como linha mestra de uma nova realidade. Baseada assim no amor, na fraternidade, na acolhida, no ecumenismo, nas partilhas de bens e culturas e na abertura fraterna ao próximo, ela nasce da própria espiritualidade encarnada de Jesus, do seu Evangelho.**

A carta nos apresenta alguns pontos que compõem essa ideia da amizade social. Primeiro uma progressiva abertura do amor; sociedades abertas que integram a todos; superar um mundo de sócios e construir um mundo de irmãos; amor universal que promove as pessoas: “para se caminhar rumo à amizade social e à fraternidade universal, há que se fazer um reconhecimento basilar e essencial: dar-se conta de quanto vale um ser humano, de quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância” (FT, 106); promover o bem moral em que se destacam a solidariedade como virtude moral e comportamento social como frutos da conversão pessoal; a liberdade, igualdade e fraternidade em que a fraternidade desempenha neste momento um papel importante para que a liberdade não venha ser um mero individualismo; a construção de direitos sem fronteiras, diz o Papa: “ninguém pode ser excluído, não importa onde tenha nascido, e menos ainda contam os privilégios que outros possam ter porque nasceram em lugares com maiores possibilidades. Os confins e as fronteiras dos Estados não podem impedir que isto se cumpra” (FT, 121).

### **AS SOMBRAS DE UM MUNDO FECHADO À LUZ DE UMA FÉ SEM FRONTEIRAS**

O magistério do Papa Francisco vem denunciado algumas sombras que pairam sobre a sociedade. Sentimos e experimentamos estas sombras cotidianamente na vida sofrida do povo. Primeiramente, ele destaca que essas sombras são

produzidas pelo atual modelo econômico injusto que segue marginalizando pessoas, gerando fome; nele persistem perversos projetos de mineração, e é cada vez mais evidente a poluição do solo pelo excesso de agroquímicos; a indústria das armas e a precarização do trabalho são consequências dessa economia, que dificultam a concretização de uma fraternidade da paz e da justiça.

Este modelo econômico segue marginalizando pessoas e povos, e sua padronização global provoca a fragmentação local das sociedades. “Os conflitos locais e o desinteresse pelo bem comum são instrumentalizados pela economia global para impor um modelo cultural único. Fruto deste modelo econômico, outras sombras nos vêm do modelo de globalização cultural que, segundo o Papa, unifica o mundo, mas divide as pessoas e as nações, porque a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos” (FT, 12).

Um grande entrave à busca desse mundo em comum está retratado no fim da consciência histórica, conforme diz o Papa Francisco: “nota-se a penetração cultural duma espécie de ‘desconstrucionismo’, em que a liberdade humana pretende construir tudo a partir do zero. De pé, deixa apenas a necessidade de consumir sem limites e a acentuação de muitas formas de individualismo sem conteúdo” (FT, 13). Outra dificuldade é a falta de um projeto para todos, um projeto inclusivo: “a política deixou de ser um debate saudável sobre projetos a longo prazo para o desenvolvimento de todos e o

bem comum, limitando-se a receitas efêmeras de marketing cujo recurso mais eficaz está na destruição do outro” (FT, 15).

Francisco aponta ainda a descartabilidade das pessoas: “no fundo, as pessoas já não são vistas como um valor primário a respeitar e tutelar, especialmente se são pobres ou deficientes, se ainda não servem (como os nascituros) ou já não servem (como os idosos). Tornamo-nos insensíveis a qualquer forma de desperdício, a começar pelo alimentar, que aparece entre os mais deploráveis” (FT, 18). Segue insistindo que ainda hoje os direitos humanos não são suficientemente universais, pois “muitas vezes constata-se que, de fato, os direitos humanos não são iguais para todos” (FT, 22). Francisco nos coloca ainda diante dos conflitos e dos medos que nos impedem de acolher o diferente, e afirma: “em qualquer guerra o que acaba destruído é o próprio projeto de fraternidade”, (FT, 26) e “reaparece a tentação de fazer uma cultura dos muros, de erguer os muros, muros no coração, muros na terra, para impedir este encontro com outras culturas, com outras pessoas” (FT, 27).

O Papa critica também a globalização e o progresso sem um rumo, porque é incapaz de um caminho que leve ao bem comum: “Perante tal panorama de globalização e progresso, embora nos fascinem os inúmeros avanços, não descortinamos um rumo verdadeiramente humano” (FT, 29). Ele nos lembra ainda a pandemia do Covid-19 e outros flagelos que nos impõem medo, destacando-se ainda o que aponta como um paradoxo, que é o fato de que ao mesmo tempo

que temos um mundo conectado com os avanços das mídias sociais, vemos na verdade se fortalecerem as atitudes de fechamentos e isolacionismo. A isto Francisco chama “a ilusão da comunicação” e a “informação sem sabedoria” que fazem “desaparecer o silêncio e a escuta, transformando tudo em cliques e mensagens rápidas e ansiosas, coloca-se em perigo esta estrutura básica de uma comunicação humana sábia” (FT, 49).

As mídias sociais e seu modelo de informação sem sabedoria, o caso das “fake news” acabam favorecendo o ódio e a agressividade despudorada. “O funcionamento de muitas plataformas acaba frequentemente por favorecer o encontro entre pessoas com as mesmas ideias, dificultando o confronto entre as diferenças. Estes circuitos fechados facilitam a divulgação de informações e notícias falsas, fomentando preconceitos e ódios” (FT, 45). Por fim, no mundo atual acaba-se louvando o modelo de cultura dos países desenvolvidos e depreciando os dos países menos desenvolvidos, o que promove uma autodepreciação cultural.

### **AS MIGRAÇÕES ONTEM E HOJE: UMA OPÇÃO PELA FRATERNIDADE E AMIZADE SOCIAL**

De modo especial para nós, Comunidades Eclesiais de Base no Rio Grande do Sul, nos toca, a respeito do tema do nosso encontro estadual, atualizarmos em nossa prática o que o Santo Padre exorta na Fratelli Tutti a respeito das



migrações. Assim, os e as migrantes, desabrigados e desabrigadas, desterrados e desterradas, aparecem também como um desafio. Assim ele nos diz: “tanto na propaganda de alguns regimes políticos populistas como na leitura de abordagens econômico-liberais, defende-se que é preciso evitar a todo o custo a chegada de pessoas migrantes” (FT, 37). E continua: “as pessoas que emigram experimentam a separação do seu contexto de origem e, muitas vezes, também um desenraizamento cultural e religioso” (FT, 38). Por conseguinte, também deve ser reafirmado o direito a não emigrar, isto é, a ter condições para permanecer na própria terra, além do direito de migrar com as mínimas condições de dignidade e acolhida, intrínsecas à vida humana.

Acerca da xenofobia, ainda muito presente no mundo dividido, o Papa diz: “é inaceitável que os cristãos partilhem esta mentalidade e estas atitudes, fazendo às vezes prevalecer determinadas preferências políticas em vez das profundas convicções da sua própria fé” (FT, 39). Francisco nos lembra, neste caso, que os valores da nossa fé são “a dignidade inalienável de toda a pessoa humana, independentemente da sua origem, cor ou religião, e a lei suprema do amor fraterno” (FT, 39). É preciso entender que a migração é uma realidade humana: “as migrações constituirão uma pedra angular do futuro do mundo. Hoje, porém, são afetadas por uma perda daquele sentido de responsabilidade fraterna, sobre o qual assenta toda a sociedade civil” (FT, 40).

Para nós cristãos é urgente repensar a questão das migrações hoje: “os nossos esforços a favor das pessoas migrantes que chegam podem resumir-se em quatro verbos: acolher, proteger, promover e integrar” (FT, 129); e continua apontando o dever de nosso trabalho: “construir cidades e países que, mesmo conservando as respectivas identidades culturais e religiosas, estejam abertos às diferenças e saibam valorizá-las em nome da fraternidade humana” (FT, 110).

Para esta tarefa a Fratelli Tutti lista algumas ações que devemos desenvolver enquanto comunidades de fé e que servem como referência para políticas públicas voltadas aos migrantes e que devemos cobrar dos governos. São elas: “incrementar e simplificar a concessão de vistos; adotar programas de patrocínio privado e comunitário; abrir corredores humanitários para os refugiados mais vulneráveis; oferecer um alojamento adequado e decente; garantir a segurança pessoal e o acesso aos serviços essenciais; assegurar uma adequada assistência consular; o direito de manter sempre consigo os documentos pessoais de identidade; um acesso imparcial à justiça; a possibilidade de abrir contas bancárias e a garantia do necessário para a subsistência vital; dar-lhes liberdade de movimento e a possibilidade de trabalhar, proteger os menores e assegurar-lhes o acesso regular à educação; prever programas de custódia temporária ou acolhimento; garantir a liberdade religiosa; promover a sua inserção social; favorecer a reunificação familiar e prepa-

rar as comunidades locais para os processos de integração” (FT, 130). Além destes pontos, a carta sugere ainda que devemos ajudar na integração daqueles migrantes que já estão há bastante tempo em nosso meio e já fazem parte do nosso tecido social, defendendo para esses igualdades de direitos e a cidadania.

Por fim, apresenta-se alguns pontos que devemos colocar nos nossos planos de ação missionária e na nossa espiritualidade enquanto igreja que nasce da fé do povo e caminha com o povo vivendo sua realidade. Estes são: desenvolver uma gratuidade que acolhe, que não se limita ao utilitarismo mas ao valor mesmo da pessoa humana; desenvolver o que Francisco chama de uma “política melhor”: “para tornar possível o desenvolvimento duma comunidade mundial capaz de realizar a fraternidade a partir de povos e nações que vivam a amizade social, é necessária a política melhor, a política colocada ao serviço do verdadeiro bem comum” (FT, 154); esta política melhor que Francisco nos fala está fundada, para ele, no amor político e na caridade política (FT, 180 e 182). A característica da espiritualidade da amizade social é a ideia de “amor social” que torna “possível avançar para uma civilização do amor a que todos podemos sentir chamados”.

Como conclusão desta reflexão, propositivamente questionamos sobre o convite lançado hoje às CEBs, pois somos provocadas e provocados a sermos atuantes em nossos espaços, como sinais de acolhida, solidariedade, unidade, integração e comunhão nas lutas por justiça com todas as

peessoas migrantes. É o convite que Francisco nos faz, ele nos motiva a sermos profetas e profetizas da acolhida: “aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato: tudo isto se resume no verbo dialogar” (FT 198). Sejamos nós, hoje, sinais desta acolhida e deste diálogo que não deixa ninguém para trás!

## TEXTO II



# A REALIDADE DAS JUVENTUDES E A MIGRAÇÃO

*Iasmin Caroline de Almeida Veeck<sup>1</sup>*

*Janderson Rangel Marx<sup>2</sup>*

Ao longo do desenvolvimento da humanidade, as juventudes têm sido referenciadas como agentes de mudanças. Seu sinônimo é inquietação e inconformidade, e logo surge o desejo de transformar a sua realidade e de quem está à sua volta, de forma direta ou indireta. Dentre as diversas formas de mudanças com as quais a juventude se depara, a mudança migratória vem com a perspectiva de uma transformação da realidade em que se vive, seja ela social, política e/ou econômica; as migrações são permeadas de dificuldades e concessões.

---

<sup>1</sup> IASMIN CAROLINE DE ALMEIDA VEECK: Técnica em Alimentos pelo IFFar, Pastoral da Juventude, Comissão Pastoral da Terra e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

<sup>2</sup> JANDERSON RANGEL MARX: Membro da Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul.

Atualmente nos deparamos com distintas realidades das juventudes, tais como a baixa escolaridade e a busca de empregos, a migração em busca de melhores condições de vida e, nesse sentido, podemos observar o êxodo rural das juventudes, onde atualmente muitos jovens partem para grandes centros urbanos em busca da chamada “vida melhor”.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, a população brasileira é composta por 215.832.067 de habitantes, dos quais 51.330.569 são jovens, faixa etária compreendida dos 15 aos 29 anos, e aproximadamente 7,8 milhões (15%) estão no campo. A população juvenil rural que migrou para a cidade foi de 669.871 habitantes de um total de 1,9 milhões de migrantes rurais-urbanos (IBGE, 2011; 2023).

Ao vermos os dados, podemos nos fazer alguns questionamentos: Por que jovens oriundos do meio rural brasileiro, muitos deles são filhos de agricultores familiares e povos originários, sentem-se convidados ou motivados a deixar seu espaço? O estreito horizonte enxergado em seus projetos, sobretudo os profissionais, é o grande motivo das migrações?

## **JUVENTUDES RURAIS**

Ao olharmos para a realidade do campo, nos deparamos com o envelhecimento do meio rural hoje, os filhos da terra, da agricultura familiar principalmente, acabam por deixar suas raízes, seus lares, para a busca de melhores

condições de vida, seja visando os estudos, o mercado de trabalho, ou ambos.

Os jovens percebem que não há, dentro do sistema econômico vigente, uma possibilidade de permanecerem no campo vivendo somente do que a terra produz, onde se faz necessária a qualificação da mão de obra, e também a agregação de valor ao produto. Com isso, a cada dia que passa, torna-se mais necessária a formação, seja em nível técnico ou superior, para que o trabalho e os produtos tenham “reconhecimento” perante a sociedade em virtude das exigências que são impostas pelo sistema.

Com isso o êxodo rural, cresce cada vez mais, com a saída do jovem do campo para ir em busca dos conhecimentos em grandes centros urbanos. Muitos jovens que passam por esse processo têm como objetivo retornar para suas raízes, levando consigo o conhecimento adquirido, buscando melhorar a vida da família, as técnicas de produção e até mesmo a venda dos produtos. Porém, em muitos casos, esse sonho acaba sendo interrompido por não haver ligação eficaz entre a formação técnica/ superior e o trabalho no campo.

O agronegócio também acaba levando muitos jovens a deixarem seu chão e migrar para a cidade, ou até mesmo outras regiões, como por exemplo para a região metropolitana. As propriedades familiares encontram enormes dificuldades em manter sua produção em razão da agressividade do agronegócio da monocultura para com as

propriedades menores, as quais, em muitos casos, têm suas produções perdidas por haver contaminação por agrotóxicos utilizados na produção da monocultura, os quais espalham-se pelo ar, água e solo, chegando até as propriedades menores e causando perdas econômicas insustentáveis, uma vez que a agricultura familiar tem como base a agricultura de subsistência, produção diversificada de alimentos para consumo próprio, e comercialização do excedente. Perdas de produção, desvalorização da cultura leiteira, avanço da monocultura de soja, aliadas ao envelhecimento do campo, muitas vezes fazem com que famílias vendam suas terras, migrando para a cidade e lá sobrevivem de “bicos” (entende-se por trabalho informal, não assalariado). Essa situação acarreta aos jovens do campo uma realidade de trabalho precária com serviços insalubres, sem direitos, na perspectiva de sobreviver a essa realidade na qual estão inseridos, geralmente, não por escolha própria.

Quando olhamos para os jovens, percebemos que eles estão no dilema entre transição, incertezas e instabilidade, um dilema contraposto à expressão de seus traços, culturas e personalidades. Seria uma maior escolaridade a responsável em dotar a juventude de maior representatividade e autonomia?

No entanto, até que certo ponto esse sonho/desejo é um desejo próprio em sair do campo, podemos considerar a permanência no campo um certo “atraso” imposto a todos como



uma estratégia do agronegócio em busca do esvaziamento do campo para assim expandir o latifúndio?

## **MIGRAÇÃO DA JUVENTUDE E A ESCOLARIDADE**

A necessidade de qualificar-se é uma exigência que assola toda a sociedade, em especial, a juventude, seja ela do campo ou de pequenas cidades do interior do estado. Essa qualificação que é exigida, segundo uma convenção social imposta a todos, é a garantia de uma melhor qualidade de vida, garantindo melhores empregos e por consequência, melhores salários. Por outro lado, não é bem isso que observamos, quando nos deparamos com dezenas de jovens formados, desempregados e muitas vezes trabalhando como motoristas de aplicativos.

É comum encontrarmos jovens oriundos de pequenas cidades do interior do estado em grandes centros, muitos em busca de uma graduação em nível superior. Ao deslocarem-se para essas cidades maiores, longe da sua de origem, esses jovens se deparam com problemas que em sua realidade não eram comuns, ou sequer existiam. Trazemos como exemplo a mobilidade urbana (a qual depende do transporte público para acontecer) que é caro e com uma péssima oferta de serviço (ônibus lotados, atrasados, sucateados).

O custo de vida é um problema para esses jovens, uma vez que o valor dos aluguéis e da alimentação tende a ser

mais caro em cidades maiores, o que torna como uma opção aos jovens a vida nas periferias dos centros urbanos, escancarando diversos problemas sociais como: falta de segurança, saneamento básico precário, crime organizado, tráfico de drogas e outros.

Surge também a necessidade de buscar um trabalho para que haja condições de permanência nas cidades, e complementar o pouco que recebem de suas famílias, as quais lutam muito para garantir o estudo aos seus filhos. É muito comum que esses jovens encontrem oportunidades em trabalhos noturnos, com horário de chegada estabelecido, mas não de saída, como em bares, restaurantes, casas de festas, espaços onde estão em contato direto com o público.

O sistema que condena Políticas Públicas que poderiam auxiliar e garantir a permanência desses jovens nas Universidades é o mesmo que romantiza a meritocracia. Os jovens pobres e de baixa renda encontram cada vez mais empecilhos para adentrar nos espaços de ensino superior, seja pelo sucateamento da educação básica, seja pela falta de Políticas Públicas que visem criar condições para que esses jovens migrantes possam se manter na Universidade, ou, o que também seria viável, a interiorização do Ensino Superior, com a expansão de campi e a valorização das universidades públicas e institutos federais no interior dos estados, oportunizando assim que os jovens possam permanecer no seio de suas famílias ao mesmo tempo em que conquistam sua qualificação.

## **ALARGA O ESPAÇO DA TUA TENDA E ACOLHE!**

A juventude é o rosto jovem de Deus, é a inquietação, a esperança e a agente transformadora da mudança. As migrações, embora muitas vezes permeadas por dificuldades, cobranças sociais e familiares, surgem como o sopro da vida nova, do desbravamento, em busca de novos horizontes para mirar e de um chão para semear o novo, na espera da colheita de um futuro melhor.

As juventudes, são o agora de Deus, não se satisfazem na espera, muitas vezes as migrações partem por vontade própria, justamente por querer uma mudança para si e para os seus. No entanto as dificuldades enfrentadas também são conhecidas, mas em momento algum devem ser negligenciadas pela sociedade, pela família e pelo/pela próprio/própria jovem que se dispõem a ir em busca da sua “Terra Prometida”.

É preciso saber acolher, amparar e ser a base de apoio dessa ação de mudança e dar espaço para que ela se estabeleça em um solo fértil, crie raízes, brote, cresça e proporcione bons frutos a todos e todas.

**ROTEIROS**  
**CELEBRATIVOS**



## 1º ENCONTRO



# ALARGA A TUA TENDA NESSA CAMINHADA SINODAL

*Preparação do espaço: vela, Bíblia, cruz, cartaz do 16º Encontro Estadual das CEBs, panos coloridos, camisetas de edições anteriores dos Encontros das CEBs.*

## ABERTURA

### Mantra

*Indo e vindo, trevas e luz,*

*Tudo é graça,*

*Deus nos conduz.*

### Animador/a

Irmãs e irmãos, estamos na expectativa do 16º Encontro Estadual das CEBs que será um momento para refletir, dialogar e animar a luta e a esperança de um mundo mais humano e fraterno. Em preparação a este encontro, hoje somos chamados e chamadas a rezar com o lema “**Alarga o espaço da tua tenda**”, que nos remete a uma ideia de acolhida, em especial do povo migrante que hoje sofre as mazelas das injustiças e do egoísmo. Assim, comecemos este encontro em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

**Todos/as: Amém!**

## **Antífona de Abertura**

- Is 54,2

*Alarga o espaço da tua tenda, estenda sem medo a lona, estica as cordas, consolida tuas estacas.*

## **Canto**

*Escolha do grupo.*

## **A REALIDADE CELEBRADA**

*A equipe pode trazer reportagens que mostram a situação dos migrantes no mundo, e conversar sobre sua situação.*

## **Animador/a**

Irmãos e irmãs, estamos nos preparando para o 16º Encontro Estadual das CEBs, com o tema: CEBs, migrantes de ontem e de hoje: os desafios de justiça e da amizade social; e o lema: Alarga o espaço da tua tenda (Is 54,2). Somos então convidados e convidadas a refletir sobre a realidade dos migrantes, o cuidado que, como comunidades, devemos ter com eles, iluminados pelas exigências da amizade social, na busca da justiça. Assim, Deus que caminha com o seu povo nos convida a andarmos juntos (Sinodalidade), e alargarmos nossa tenda em atitude de acolhida, que reconhece o/a migrante como irmão/irmã. A construção da justiça e da amizade social é o horizonte da nossa missão a caminho do Reino de Deus.

*Apresentam-se as reportagens sobre a realidade da migração e desenvolve-se uma conversa sobre o tema.*

## **Canto de Aclamação**

*Escolha do grupo.*

### **LEITURA BÍBLICA**

- Dt 10,17-19
- Ex 20,10; 22,20
- Lv 19,9-10; 19,33-34

### **APROFUNDANDO O TEXTO**

#### **Animador/a**

Na sociedade fortemente patriarcal do Antigo Israel, as pessoas mais vulneráveis eram o órfão, a viúva e o forasteiro ou migrante. Não é por acaso que a legislação no Pentateuco tanto os proteja. No Livro do Deuteronômio, esse trio aparece 11 vezes lado a lado (10,18; 14,29; 16,11.14; 24,17.19.20.21; 26,12.13; 27,19). Exceto em 10,18, nas demais vezes as três palavras sempre se encontram na seguinte ordem: migrante, órfão e viúva. O que dá a entender que o forasteiro era o mais frágil entre eles. Nessa sequência, ainda aparecem em Jr 7,6; 22,3 (Jeremias e a principal edição do Deuteronômio são contemporâneos).

#### **Leitor/a 1**

A principal razão para que houvesse tantos forasteiros e viúvas com seus órfãos era a violência das guerras imperialistas promovidas pelos assírios e babilônios. Con-



sequências: destruição, saques, mortes, migrações forçadas ou deportações, refugiados, fome...

### PARA REFLETIR

- Quais são as causas da migração hoje?
- Elas se parecem com estas da Bíblia?

#### Animador/a

Foi em função dessa situação que foram elaboradas as leis de proteção para as pessoas mais pobres e frágeis naquela sociedade.

#### Leitor/a 1

Dt 10,17-19 nos lembra que Javé é uma divindade que não faz acepção de pessoas (Dt 10,17). Portanto, não exclui ninguém. É um Deus de inclusão, de acolhida. Para que todos caibam em sua enorme misericórdia, ele alarga o espaço da sua tenda (cf. Is 54,2). Ele não suporta ver pessoas com fome, sem lar e na miséria. Não é por acaso que, depois, Jesus incluirá entre seus irmãos mais pequeninos os que têm fome, estão mal agasalhados e são forasteiros (cf. Mt 25,37-40). Javé faz justiça ao órfão e à viúva, e ama o migrante, dando-lhe pão e roupa (Dt 10,18).

#### Leitor/a 2

A partir desse amor de Deus pelos migrantes, o autor dessa lei nos convida a sermos imitadores de Deus no amor (cf. Ef 5,1-2): *amareis o migrante* (Dt 10,19a). E emenda

a justificativa teológica para essa conduta: *porque fostes migrantes na terra do Egito* (Dt 10,19b). Em Lv 19,34, a lei do amor ao migrante fornece a medida desse amor: *vós o amareis como a vós mesmos* (compare com o mandamento do amor ao próximo ensinado por Jesus; Mc 12,31).

### PARA REFLETIR

O que nós, enquanto Igreja, povo de Deus, podemos e devemos fazer diante da situação dos migrantes hoje? O que temos feito?

#### **Animador/a**

É interessante sabermos, também, que todos os seres humanos têm o direito ao descanso. A Bíblia garante esse direito aos migrantes. O descanso do sábado é garantido nas três versões do decálogo (Ex 20,10; 23,12; Dt 5,14). Convém observar que, naquela sociedade ainda muito patriarcal, a esposa era a única da família que não tinha esse direito.

#### **Leitor/a 1**

É digno de nota perceber que a proibição da exploração do migrante aparece mais de uma vez nas Escrituras, tanto em textos legislativos, quanto proféticos (Ex 22,20; 23,9; Lv 19,33; Jr 7,6; 22,3).

#### **Leitor/a 2**

Por fim, é significativa a Lei mosaica do respigar, que consistia em não colher totalmente as beiradas dos cam-

pos e a não pegar todas as azeitonas e uvas. Respigar após a colheita era um direito dado por Deus ao pobre, ao necessitado, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva, isto é, aos mais pobres da sociedade, (Lv 19,9-10; Dt 24,19). Esse direito dos pobres faz questão de lembrar os forasteiros, certamente os mais pobres entre eles. O direito ao pão é o primeiro dos direitos universais de todas as pessoas. Também Jesus o cita sempre em primeiro lugar (cf. Mt 6,31; 25,35-36). Além de nosso texto (Lv 19,9-10), ainda encontramos o direito de respigar em Lv 23,22 e Dt 24,19-22. Também as migrantes Rute e Noemi se organizam para fazer valer esse direito dos pobres (Rt 2,1-23).

## PRECES DA COMUNIDADE

### Animador/a

Eleveamos a Deus Trindade nossas preces dizendo **“Venha o teu reino entre nós”**.

1. Venha teu reino na justiça e acolhida fraterna aos migrantes, que todas as famílias tenham a vida em abundância, por isso oremos.

### Todos/as: Venha o teu reino entre nós!

2. Venha teu reino e anime nossas comunidades espalhadas pelo nosso Rio Grande e todo o mundo. Que elas vivam a profecia e o encanto na transformação do mundo.

### Todos/as: Venha o teu reino entre nós!

3. Venha teu reino e nos conduza na construção do nosso Encontro Estadual das CEBs. Que este seja um momento para fortalecer e viver a esperança na construção da justiça e da amizade social, oremos.

**Todos/as: Venha o teu reino entre nós!**

4. Preces espontâneas.

**Todos/as: Venha o teu reino entre nós!**

## ORAÇÃO FINAL

**Animador/a**

Motivados e motivadas pelo espírito das Comunidades Eclesiais de Base, comunidades que são verdadeiramente a Igreja em saída, em unidade com todos e todas as migrantes que, neste momento, vagam pelo mundo em busca de acolhida, rezemos juntos e juntas a oração que Jesus Cristo nos ensinou.

**Todos/as: Pai Nosso...**

**Oração do 16º Encontro Estadual das CEBs**

*Confira a contracapa deste caderno.*

## DESPEDIDA E AVISOS

- Marcar a data e local do próximo encontro.
- Motivar para a participação no encontro estadual.



O que tu deixas já bem conheces,  
Mas o teu Deus o que te dá?  
Um povo grande, terra e promessa,  
Palavra de javé.

2. A rede está na praia abandonada  
Pois aqueles pescadores já seguiram a Jesus  
E enquanto caminhavam pensativos  
No silêncio uma pergunta nasce em cada coração

O que deixaste tu bem conheces,  
Mas teu Senhor o que te dá?  
O cêntuplo e a mais a eternidade  
Palavra de Jesus.

3. Partir não é tudo, certamente  
Há quem parte e nada dá, busca sua liberdade  
Partir, mas com a fé no teu Senhor  
Com o amor aberto a todos  
Leva ao mundo a salvação

O que deixaste tu bem conheces,  
O que tu levas é muito mais  
Pregai entre os povos o evangelho  
Palavra de Jesus.



## 2º ENCONTRO



# PARA O MIGRANTE, A PÁTRIA É A TERRA QUE LHE DÁ O PÃO

## ACOLHER OS/AS MIGRANTES DE ONTEM E HOJE!

*Preparar a sala com cartazes, citando todas as etnias e migrantes que moram no território da Comunidade, desde a sua origem... Os cartazes podem ser feitos coletivamente para trazer a realidade para dentro da celebração.*

### ABERTURA

#### Mantra

*Onde reina o amor, fraterno amor!*

*Onde reina o amor, Deus aí está!*

#### Animador/a

Em nome de Deus, que é Pai e Mãe, em nome do Filho que é luminosa revelação da misericórdia da Divindade, em nome da Divina Ruah, a força criadora que faz arder nosso coração e manter os pés a caminho, em busca da vida plena para todas e todos, sintamo-nos convocados e convocadas a vivermos o projeto da civilização do amor, onde não haja ninguém excluído/a e não falte pão em nenhuma mesa.

**Todos/as: Amém! Axé! Awere! Aleluia!**



## Antífona de Abertura

- Mt 25,40

*Todas as vezes que fizestes isto a um destes pequeninos foi a mim que o fizestes.*

## REALIDADE CELEBRADA

### Canto de Aclamação

#### IRÁ CHEGAR

|||||

**/: IRÁ CHEGAR UM NOVO DIA,  
UM NOVO CÉU, UMA NOVA TERRA, UM NOVO MAR  
E NESTE DIA OS OPRIMIDOS  
NUMA SÓ VOZ A LIBERDADE IRÃO CANTAR :/**

1. Na nova terra o negro não vai ter corrente  
E o nosso índio vai ser visto como gente.  
Na nova terra o negro, o índio, e o mulato  
O branco e todos vão comer no mesmo prato.
2. Na nova terra a mulher terá direitos  
Não sofrerá humilhações nem preconceitos.  
O seu trabalho todos vão valorizar  
Nas decisões ela irá participar.
3. Na nova terra os povos todos irmanados  
Com sua cultura e direitos respeitados  
Farão da vida um bonito amanhecer  
Com igualdade no direito de viver.



2. Negra Mariama chama pra cantar  
Que Deus uniu os fracos pra se libertar.  
E derrubou dos tronos os latifundiários  
Que escravizavam pra se regalar.
3. Negra Mariama chama pra dançar  
Muita esperança até o sol raiar.  
No samba está presente o sangue derramado  
O grito e o silêncio dos martirizados.
4. Negra Mariama chama pra lutar  
Em nossos movimentos sem desanimar.  
Levanta a cabeça dos espoliados  
Nossa companheira chama pra avançar.

## **APROFUNDANDO O TEXTO**

### **Animador/a**

Para Jesus, seis são os direitos humanos fundamentais. A narrativa do julgamento das nações é a parte final do último discurso (Mt 24-25) de Jesus no Evangelho segundo Mateus. Esses dois capítulos são uma reflexão sobre a intervenção de Deus para transformar a história, para que haja vida plena para todas e todos.

### **Leitor/a 1**

O Papa Francisco tem insistido que esta economia hoje dominante, cujo DNA é a ganância sem limites, mata e precisa ser mudada. E como gostaríamos que tudo acontecesse já, mas não é assim.

## **Leitor/a 2**

Como no tempo da violenta opressão do império romano sobre os povos dominados, entre eles a população da Palestina, também hoje as forças dominantes mantêm fortes mecanismos de exploração e opressão e sofisticados processos de alienação e de geração de medo, para dificultar e mesmo anular a nossa capacidade de luta e muito especialmente a nossa esperança, nosso potencial de sonhar.

## **Leitor/a 1**

Só quando o menor que padece acreditar no menor e se unir para lutar, UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL, sim, ainda que possa demorar. Perseverar, mesmo que isso exija muitos sacrifícios, é necessário e vale a pena.

## **Leitor/a 2**

E o caminho, qual é? É viver como Jesus viveu, bem diferente do modo do imperador ou Herodes governarem através da opressão e da violência. O projeto do Reino de Deus nos aponta os critérios éticos centrais para construir este OUTRO MUNDO POSSÍVEL: o amor (cf. 22,37-39), a justiça, a misericórdia e a fidelidade ao projeto do Pai (cf. Mt 23,23).

## **Leitor/a 1**

Os frutos concretos desse amor e dessa justiça são obras de misericórdia palpáveis, bem visíveis. *Eu estava com fome,*

*e me destes de comer; eu estava com sede, e me destes de beber; eu era migrante, e me recebestes em casa; estava nu, e me vestistes; doente, e cuidastes de mim; na prisão e fostes visitar-me (Mt 25,35-36).*

## **Leitor/a 2**

Jesus não perguntará a que nação pertencemos ou qual tradição religiosa professamos. Ou ainda, de que cor é a nossa pele ou qual é a nossa orientação sexual. O que importa é que devemos cumprir toda justiça (Mt 3,15) em relação aos mais pequeninos, que são os irmãos de Jesus (Mt 25,40). São eles a encarnação histórica de Jesus entre nós, o Emanuel, o Deus que está conosco.

## **Animador/a**

“Cumprir toda a justiça” é, em primeiro lugar, colocar em prática os seis direitos humanos fundamentais, na compreensão do profeta de Nazaré. São eles: o direito ao pão (me destes de comer), o direito à água (me destes de beber), o direito a um lar (me recebestes em casa, migrantes), o direito à roupa (me vestistes), o direito à saúde (cuidastes de mim) e o direito à liberdade (fostes visitar-me).

## **Leitor/a 1**

As destinatárias privilegiadas desses direitos são as pessoas a quem esses direitos são negados, isto é, os irmãos e as irmãs mais pequeninas de Jesus, as pessoas empobrecidas. E, entre elas, os e as migrantes.

## **Leitor/a 2**

Os irmãos e as irmãs mais pequeninas de Jesus são o ponto alto da encarnação de Deus, pois ser misericordioso com eles é ser solidário com o próprio Jesus (Mt 25,40). Quando esta é a prática da comunidade, então ela também é Jesus encarnado, é o corpo do Cristo, pois o agir dela é semelhante ao agir de Deus.

## **Leitor/a 1**

A essência do agir divino, do projeto de Jesus, é a partilha do pão, da água, da casa, da roupa, da saúde e da liberdade, isto é, das necessidades fundamentais para ter vida cidadã. É nisso que consiste ser justo (Mt 25,46).

## **Animador/a**

Mas não podemos olhar de forma ingênua e isolada para esta parábola, limitando-nos ao assistencialismo. Certamente também é urgente ajudar logo a quem precisa. No entanto, é necessário enxergar mais longe e, com Jesus, superar a tentação de somente transformar pedras em pão (Mt 4,3). É indispensável buscar em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo (Mt 6,33). Por isso, ser discípulo e discipula do Messias não somente é atender aos direitos fundamentais das pessoas, mas é, em primeiro lugar, engajar-se na construção de um mundo justo que, como tenda com espaço alargado (cf. Is 54,2), garanta esses direitos humanos fundamentais a todas as pessoas.

## Canto

### PAI NOSSO DOS MÁRTIRES



*Cirineu Kuhn (SP)*

### **/: PAI NOSSO, DOS POBRES MARGINALIZADOS PAI NOSSO, DOS MÁRTIRES, DOS TORTURADOS :/**

1. Teu nome é santificado naqueles que morrem defendendo a vida.  
Teu nome é glorificado quando a justiça é nossa medida.  
Teu reino é de liberdade; de fraternidade, paz e comunhão.  
Maldita toda violência que devora a vida pela repressão.
2. Queremos fazer tua vontade és o verdadeiro Deus libertador.  
Não vamos seguir as doutrinas, corrompidas pelo poder opressor.  
Pedimos-te o pão da vida, o pão da segurança, o pão das multidões.  
O pão que traz humanidade, que constrói o homem em vez de canhões.
3. Perdoa-nos quando por medo ficamos calados diante da morte.  
Perdoa e destrói os reinos em que a corrupção é a lei mais forte.

Protege-nos da crueldade do esquadrão da morte dos prevaletidos.

Pai nosso revolucionário, parceiro dos pobres, Deus dos oprimidos.

## **PRECES DA COMUNIDADE**

### **Animador/a**

A partir da Palavra de Deus e da reflexão que provocou entre nós, podemos expressar as nossas preces, que acolheremos rezando juntas e juntos:

### **Todos/as**

Senhor, força dos que insistem em construir um mundo de irmãs e irmãos, que nunca deixemos que nos roubem a esperança!

## **ORAÇÃO FINAL**

### **Animador/a**

Deus é Pai e Mãe e todos nós, seus filhos e suas filhas, portanto irmãs e irmãos entre nós. Nada justifica os preconceitos raciais, a violência contra quem quer que seja, a desigualdade social, a negação aos direitos fundamentais para que todas e todos tenham uma vida digna. Por isso, rezemos com confiança a oração que Jesus, nosso irmão e companheiro, nos ensinou para vivermos seu projeto da civilização do amor.

**Todos/as: Pai Nosso...**





1. O Projeto de Deus é fartura na mesa.  
O Projeto de Deus não gera pobreza.  
O Projeto de Deus é que haja partilha de toda riqueza.
2. O Projeto de Deus é terra pra todos.  
O Projeto de Deus é casa pra todos.  
O Projeto de Deus é o fim do sistema que oprime o seu povo.
3. O Projeto de Deus não está concluído.  
O Projeto de Deus é seu reino implantado.  
O Projeto de Deus com as mãos de nós todos será realizado.



### 3º ENCONTRO



# SOMOS TODOS/AS MIGRANTES A CAMINHO DO REINO

*Preparação do espaço: Compor o espaço com vela, Bíblia, cruz, cartaz do Encontro Estadual das CEBs, pode ser usados panos coloridos para ambientar o espaço, se tiverem incenso também pode ser usado.*

## ABERTURA

### Mantra

*Teu sol não se apagará; Tua lua não será minguante!  
Porque o Senhor será tua luz; Ó povo que Deus conduz.*

### Animador/a

Queridos irmãos/as sintamo-nos acolhidos/as na certeza da presença da Trindade Santa. Cantemos: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

**Todos/as: Amém!**

## A REALIDADE CELEBRADA

### Animador/a

Hoje somos convidados para a roda de conversa para refletir, rezar, socializar sobre o tema: “Somos todos migrantes na caminhada do Reino”.

**Leitor/a 1**

A migração hoje é um escândalo mundial. Porque as pessoas ou grupos se deslocam de um lugar para o outro geralmente por causas econômicas, fome, opressão, violência, guerras, falta de moradia. Arriscam a própria vida e as de suas famílias.

**Leitor/a 2**

Migrar é um direito, se não for forçado. É um escândalo quando as pessoas vão enganadas, ou decepcionadas, ou passando fome. Buscam encontrar melhores condições de vida. A grande maioria acaba depois vivendo em barracas de papelão, tendas, sempre dependendo de gestos solidários, de esmola. Sem água potável, escolas, atendimento médico.

**Leitor/a 1**

A maioria das migrações acontecem por expulsão, e com isso muitos enriquecem às custas da dor e do sofrimento das pessoas que têm que deixar tudo e partir.

**Leitor/a 2**

O Papa Francisco afirma: “A Casa é Comum” e por isso todos temos o direito de transitar por ela construindo pontes, derrubando muros que dividem. Esta é a caminhada para o Reino”.

## **Animador/a**

Vamos conversar sobre como a realidade dos migrantes nos provoca enquanto comunidades de fé.

- Momento de conversa

## **Animador/a**

Santo Oscar Romero dizia: “Numa das mãos a Bíblia e na outra, o jornal para poder falar de Deus”; Henrique Angelli continua: “Um ouvido no Evangelho e outro no povo”; Padre Lombardi rezava diante do mapa do mundo, colocando diante de si e de Deus a situação da humanidade: guerras, fome, migrações, luxo; assim vamos ouvir o que Deus nos diz através do texto.

## **Canto de Aclamação**

*Escolha do grupo.*

### **LEITURA BÍBLICA**

- Êxodo 3,7-8, e pode-se ler junto Mt 25,31-46.

### **APROFUNDANDO O TEXTO**

#### **Leitor/a 1**

Moisés migrou do Egito para Madiã, fugindo da perseguição da polícia do faraó como refugiado político, pois seu ato de violência fora resistência contra a opressão imperial (Ex 2,11-22). Em Madiã, a leste do Golfo de Ácaba, no noroeste da Arábia Saudita, Moisés é vocacionado a migrar de volta para o Egito.

## Leitor/a 2

Diferentemente das divindades manipuladas pelo faraó para legitimar sua violência e opressão, Moisés faz a experiência com um Deus libertador. Ele desce (Ex 3,8) do alto da pirâmide, onde fora aprisionado pelos poderosos, que o afastaram do povo para manipulá-lo e, assim, legitimar seu poder. Agora, está no chão, junto ao povo. Ali, deixa-se encontrar como libertador. É um Deus muito humano, tem olhos: *Eu vi a miséria do meu povo* (Ex 3,7a). *Vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo* (Ex 3,9). *Afasta-se dos palácios, dos templos suntuosos que, na linguagem do profeta Jeremias e de Jesus, não passam de covis de ladrões* (cf. Jr 7,11; Mc 11,17).

## Leitor/a 1

Além de ver a miséria do povo, o Deus libertador também tem ouvidos: *ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores* (Ex 3,7b). Afasta-se do barulho das festas palacianas e dos templos e migra para junto dos oprimidos. Ali, o seu grito por socorro chega aos ouvidos dele. E mais. Esse Deus humanizado também tem coração, tem consciência: eu conheço as suas angústias (Ex 3,7c).

### PARA REFLETIR

Como as CEBs podem ser testemunhas de um Deus libertador em meio à realidade dos migrantes hoje?

## PRECES DA COMUNIDADE

### Animador/a

Irmãos e irmãs, vamos dirigir a Deus nossos pedidos **dizendo “Senhor vem libertar seu povo!”**.

1. Rezemos pelos doentes, idosos, empobrecidos, migrantes e pelos gananciosos, para que se convertam.

### Todos/as: Senhor vem libertar seu povo!

2. Trindade Santa, a melhor comunidade, ajuda-nos a viver e suscitar cada dia mais comunidades fraternas.

### Todos/as: Senhor vem libertar seu povo!

3. Jesus doou sua vida para o povo. Que sejamos comprometidos com a mudança no dia a dia de nossa vida, de nossas comunidades e da sociedade.

### Todos/as: Senhor vem libertar seu povo!

4. Orações espontâneas.

### Todos/as: Senhor vem libertar seu povo!

## ORAÇÃO FINAL

### Animador/a

Motivados pelo espírito das Comunidades Eclesiais de Base, comunidades que são verdadeiramente a Igreja em saída, em unidade com todos e todas as migrantes que



neste momento vagam pelo mundo em busca de acolhida, rezemos a oração que Jesus Cristo nos ensinou.

**Todos/as: Pai Nosso...**

### **Oração do 16º Encontro Estadual das CEBs**

*Confira a contracapa deste caderno.*

### **DESPEDIDA E AVISOS**

- Marcar a data e local do próximo encontro.
- Motivar para a participação no encontro estadual.
- Animemo-nos para seguirmos na preparação do 16º Encontro Estadual, vivendo o espírito das CEBs como espaço de transformação, missão e oração.

### **BÊNÇÃO**

#### **Animador/a**

Que Deus abençoe nossas famílias, vizinhos/as e todas as pessoas migrantes, em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

**Todos/as: Amém!**

#### **Animador/a**

Bendigamos ao Senhor! Demos graças a Deus.

## Canto final

### ANIMADOS PELA FÉ



*José Fritsch e Ivo Ouro (SC)*

1. O teu povo, Senhor, está sofrendo  
Caminhando de um lado para o outro.  
Uma vida mais justa está querendo  
Pois senão vai migrar até estar morto.

**/: Animados pela fé e bem certos da vitória  
Vamos fincar nosso pé e fazer a nossa história  
E fazer a nossa história animados pela fé :/**

2. A estrutura da nossa sociedade  
Força o povo para a migração.  
Os da roça vão para a cidade  
Sempre em busca de melhor situação.
3. Mas quem lucra com este vai e vem  
São os grandes enquanto sofre o povo  
Já é hora dos pobres se unirem bem  
Para juntos construir um mundo novo.



## 4º ENCONTRO



# UMA IGREJA EM SAÍDA AO ENCONTRO DAS JUVENTUDES

*Preparação do espaço: vela, Bíblia, cruz, cartaz do 16º Encontro Estadual das CEBs, panos coloridos, camisetas de edições anteriores dos Encontros das CEBs.*

## ABERTURA

### **Mantra**

*Teu sol não se apagará; tua lua não será minguante!  
Porque o Senhor será tua luz, ó povo que Deus conduz.*

### **Animador/a**

Sejam todos e todas bem-vindos e bem-vindas, celebremos neste quarto encontro a luta da jovem Ruth, como migrante, em busca de uma vida melhor, uma vida sem fome, uma vida plena.

### **Antífona de abertura**

*Onde você viver, eu também viverei. Seu povo será o meu povo, e seu Deus será o meu Deus.*

## Canto

### MOMENTO NOVO



1. Deus chama a gente pra um momento novo  
De caminhar junto com o Seu povo  
É hora de transformar o que não dá mais  
Sozinho, isolado, ninguém é capaz

**/: Por isso vem entra na roda com a gente também!**

**Você é muito importante :/**

2. Não é possível crer que tudo é fácil  
Há muita força que produz a morte  
Gerando dor, tristeza e desolação  
É necessário unir o cordão
3. A força que hoje faz brotar a vida  
Habita em nós pela sua graça  
É ele quem nos convida pra trabalhar  
O amor repartir e as forças juntar

### A REALIDADE CELEBRADA

#### Animador/a

Passando os olhos no texto II deste livreto sobre as migrações, percebemos logo que a situação de uma grande parte da população mundial é desesperadora. Dentro desse quadro temos um contingente enorme de jovens sem rumo na vida. É missão da Igreja ir ao encontro deles e delas e,

juntos/as, construirmos um futuro melhor. Tanto na realidade do Antigo Testamento (Livro de Rute), como nos dias de hoje, a busca de trabalho, a fuga da fome, a busca de dignidade e cidadania são causas da realidade da migração. Os jovens são as principais vítimas da falta de perspectivas, da falta de futuro e de esperança. Não é incomum encontrar hoje situações em que a dignidade humana é diminuída ou pisoteada.

### **Canto de Aclamação**

*Escolha do grupo.*

### **Leitura bíblica**

- Rt 1,1-22

## **APROFUNDAMENTO DO TEXTO**

### **Leitor/a 1**

Rute é uma estrangeira migrante, vinda de Moab. É uma jovem viúva que adere a Javé e, junto com a sogra Noemi, resgata direitos dos pobres.

### **Leitor/a 2**

No Livro de Rute, encontramos muitas memórias de lutas e de experiências de mulheres pobres. Certamente, mulheres contribuíram na composição dessa novela.

### Leitor/a 3

A época de redação foi em torno do ano 400 a.C. E as autoras são dos mesmos círculos que estão por trás dos livros de Jó, Cantares e Jonas. Fazem parte do mesmo movimento de resistência contra a centralização do Judaísmo no templo de Jerusalém. Sua defesa do universalismo da misericórdia de Javé faz crer que seus autores representam a continuidade do movimento profético de Isaías (cf. Is 42,6; 49,6; 56,1-8).

### Leitor/a 1

A realidade na época de Rute era de fome (Rt 1,1), realidade que gerava migração (Rt 1,1.7). Noemi e Elimelec com seus filhos migram para Moab, no outro lado do Rio Jordão. Estão em saída, em busca de pão. Depois, as duas viúvas empobrecidas, uma idosa e a outra jovem, migram de volta para Belém. Novamente, estão em saída (Rt 1,7) e, mais uma vez, em busca de pão. Era uma realidade de pobreza extrema (Rt 2,2: catando as sobras da colheita) e de um povo sem terra para plantar (Rt 2,3; 4,3.9).

### Leitor/a 2

O projeto do Livro de Rute é alternativo aos projetos de reconstrução de Zorobabel, descendente do rei Davi, e do sumo sacerdote Josué que retornam do exílio para Jerusalém. Resiste também contra o judaísmo teocrático de Esdras, comandado pela elite sacerdotal do templo reconstruído no pós-exílio. Rute passa longe desse projeto elitista, omitindo referências a Jerusalém, ao templo,

ao altar, ao rei, ao sacerdote, a sacrifícios ou à lei de pureza, que discriminava estrangeiros, mulheres e pobres. Ao contrário disso, o projeto de Rute é tribal, como na época dos juízes (Rt 1,1), quando não havia rei, mas Deus era o soberano (cf. Jz 8,23). O projeto, portanto, era o Reino de Deus (Elimelec significa meu Deus é rei). Era uma sociedade em que havia graça (Noemi) e não amargura (Mara). Amizade fiel (Noemi significa amiga) e não abandono (Orfa significa costas). Abundância de pão (Belém significa casa do pão) e não fome. E se havia fome na casa do pão, é porque havia injustiças. Para alguns, sobrava. Para muitos, porém, faltava.

### **Leitor/a 3**

Como temas principais, lembramos primeiro que o Livro de Rute apresenta uma nova teologia, uma experiência com um Deus universal, que não é exclusivo de Israel (Rt 1,16).

### **Leitor/a 1**

Além desse tema, o Livro de Rute também apresenta uma nova antropologia. Judeus consideravam os moabitas bastardos (cf. Gn 19,30-38). No entanto, Rute é moabita e é bem-vinda (Rt 1,4). Os teólogos do templo impediam aos moabitas o acesso à assembleia do povo (Dt 23,4-7). Rute, porém, se integra aos filhos de Israel, o povo de Noemi (Rt 1,16). Os ideólogos do Judaísmo excluía as mulheres estrangeiras (Esd 9-10). No projeto das autoras de Rute, o espaço da tenda era alargado (cf. Is 54,2), acolhendo uma mulher migrante, estrangeira, jovem e pobre.



## **Leitor/a 2**

Rute critica a ideologia da pureza étnica promovida pelos sacerdotes do templo, afirmando que Davi tinha sangue de povos estrangeiros, uma vez que sua bisavó fora moabita (Rt 4,13-17). E os autores de Mateus, a fim de afirmarem que nas veias de Jesus corria sangue de todos os povos, incluem quatro (sentido de universalidade) mulheres estrangeiras na sua genealogia: Tamar (Gn 38; Mt 1,3), Raab (Js 2; Mt 1,5), Rute (Mt 1,5) e Bersabeia (2Sm 11-12; Mt 1,6).

## **Leitor/a 3**

Um terceiro tema tratado por Rute são os direitos dos pobres: As leis do respigar (direito ao pão; Rt 2; Lv 19,9-10; Dt 24,19-22; cf. Dt 23,25-26), do resgate (direito à terra e à liberdade; Rt 4,1-12; Lv 25,25; cf. Lv 25,47-49) e do cunhado (direito à família, a futuro; Rt 3,12; Dt 25,5-10).

## **Leitor/a 1**

No Livro de Rute, o quadro inicial (1,1-5) descreve a realidade de fome, de falta de terra, da migração para o estrangeiro e da falta de futuro ou descendência. É a total desintegração da casa dos pobres.

## **Leitor/a 2**

Depois, a narrativa descreve a caminhada de reconstrução da vida do povo (1,6-4,12), na forma de novela em

quatro passos. O texto que hoje refletimos apresenta o quadro inicial (Rt 1,1-5) e o primeiro passo (Rt 1,6-22). Atraída pela boa notícia da visita de Deus à terra natal dando pão (Rt 1,6), Noemi decide voltar. O centro deste passo está nos vv. 15-18. E a palavra-chave, que aparece 12 vezes, é voltar.

### **Leitor/a 3**

Na sequência, vem o quadro final (4,13-17), descrevendo o nascimento de Obed. Esse quadro é o oposto do quadro inicial, destacando a esperança que renasceu para o povo com o nascimento de Obed.

### **Leitor/a 1**

Por fim, vem o apêndice (4,18-22), a genealogia de Davi, de quem a migrante estrangeira Rute é bisavó.

## **PRECES DA COMUNIDADE**

### **Animador/a**

Elevemos nossas preces a Deus, pelas nossas comunidades, preferencialmente pelas juventudes mais empobrecidas, para que tenham coragem e para que as Comunidades de Base sejam o espaço que elas precisam para caminharem com segurança na construção de um futuro para si e de uma sociedade melhor para todos. Depois de cada prece, rezemos:

**Todos/as: Ouvi nosso clamor, ó Senhor!**

1. Acalma Senhor, os corações aflitos dos teus filhos e filhas, especialmente das juventudes desamparadas ou amedrontadas pela fome, para que nas comunidades possam escutar a Tua Palavra que alimenta a vida! Rezemos!

**Todos/as: Ouvi nosso clamor, ó Senhor!**

2. Senhor, ajudai-nos a compreender a importância de acolher em nossa tenda e em nossas comunidades todos aqueles que buscam terra, trabalho, moradia e uma vida melhor! Rezemos!

**Todos/as: Ouvi nosso clamor, ó Senhor!**

3. Fazei, Senhor, que aprendamos da Bíblia a respeitar os migrantes e os jovens, que diariamente enfrentam todo tipo de dificuldades e discriminações.

**Todos/as: Ouvi nosso clamor, ó Senhor!**

4. Preces espontâneas.

**Todos/as: Ouvi nosso clamor, ó Senhor!**

## ORAÇÃO FINAL

### Animador/a

Motivados e motivadas pelo espírito das Comunidades Eclesiais de Base, comunidades que são verdadeiramente a Igreja em saída, rezemos juntos e juntas a oração que Jesus Cristo, nosso Mestre, que nos dá força para lutarmos

por justiça social, pelo cuidado com nossa Casa Comum, por pão e todas as mesas, para que a juventude possa viver, amar, celebrar, estudar e trabalhar!

**Todos/as: Pai Nosso...**

### **Oração do 16º Encontro Estadual das CEBs**

*Confira a contracapa deste caderno.*

#### **DESPEDIDA E AVISOS**

- Marcar a data e local do próximo encontro.
- Motivar para a participação no encontro estadual.
- Animemo-nos para seguirmos na preparação do 16º Encontro Estadual, vivendo o espírito das CEBs como espaço de transformação, missão e oração.

#### **BÊNÇÃO**

##### **Animador/a**

Que Deus abençoe nossas famílias, vizinhos/as e todas as pessoas migrantes, em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

**Todos/as: Amém!**

Bendigamos ao Senhor! Demos graças a Deus.

**Canto****MISSÃO DE TODOS NÓS***Zé Vicente*

**/: O Deus que me criou, me quis, me consagrou  
Para anunciar o Seu amor /: (bis)**

1. Eu sou como a chuva em terra seca (bis)  
Pra saciar, fazer brotar.  
Eu vivo pra amar e pra servir. (Bis)  
É missão de todos nós!  
Deus chama, eu quero ouvir a Sua voz! (Bis)
2. Eu sou como a flor por sobre o muro (Bis)  
Eu tenho mel, sabor do céu. Eu vivo pra amar e pra servir. (Bis)  
É missão de todos nós!  
Deus chama, eu quero ouvir a Sua voz! (Bis)
3. Eu sou como estrela em noite escura (bis)  
Eu levo a luz, sigo a Jesus.  
Eu vivo pra amar e pra servir. (Bis)  
É missão de todos nós!  
Deus chama, eu quero ouvir a Sua voz! (Bis)
4. Eu sou como abelha na colmeia. (Bis)  
Eu vou voar, vou trabalhar.  
Eu vivo pra amar e pra servir. (Bis)

É missão de todos nós!

Deus chama, eu quero ouvir a Sua voz! (Bis)

5. Eu sou, sou profeta da verdade. (Bis)

Canto a justiça e a liberdade. Eu vivo pra amar e pra servir. (Bis)

É missão de todos nós!

Deus chama, eu quero ouvir a Sua voz! (Bis)



Ilana  
Henderson  
2003

## 5º ENCONTRO



# CEBs MIGRANTES ONTEM E HOJE O DESAFIO DA JUSTIÇA E DA AMIZADE SOCIAL

*Preparação do espaço: vela, Bíblia, cruz, cartaz do 16º Encontro Estadual das CEBs, panos coloridos, camisetas de edições anteriores dos Encontros das CEBs.*

## ABERTURA

### Mantra

*Indo e vindo, trevas e luz,  
Tudo é graça, Deus nos conduz.*

### Animador/a

Neste encontro queremos refletir sobre o desafio de construir uma sociedade baseada na **justiça** social e na **amizade** social. São dois temas muito presentes no magistério do Papa Francisco que vem profeticamente chamando todas as comunidades a esta missão.

Iniciemos este encontro **em nome do Pai e do filho e do Espírito Santo**. Que a Trindade, exemplo de comunidade, se faça presente e abençoe nosso encontro. **Amém!**



## **Antífona de Abertura**

- Is 54,2

*Alarga o espaço da tua tenda, estenda sem medo a lona, estica as cordas, consolida tuas estacas.*

## **Canto**

*Escolha do grupo.*

## **A REALIDADE CELEBRADA**

### **Animador/a**

O Papa Francisco na carta **Evangelii Gaudium** nos diz: “O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais... Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres... (EG 2). Deste modo, o Papa nos convida a um projeto de mundo aberto aos outros, de acolhida, especialmente dos mais necessitados, como aqueles que deixam sua terra em busca de vida digna. Com esta mensagem iniciemos este encontro na alegria da proximidade do nosso encontro Estadual.

### **Celebrando a Vida**

*Pede-se que o grupo faça memória dos encontros estaduais das CEBs, pelo menos dos últimos.*

### **Canto de Aclamação**

*Escolha do grupo.*

## LEITURA BÍBLICA

- 1Pd 1,1-2.17; 2,9-11

### APROFUNDANDO O TEXTO

#### Animador/a

A Primeira carta de Pedro é escrita às comunidades das províncias do Ponto, da Galácia, da Capadócia, da Ásia e da Bitínia (1Pd 1,1; boa parte do que hoje é a Turquia). Mais precisamente, a carta é escrita aos forasteiros (parepídemos), aos estrangeiros em trânsito (1Pd 1,1). Em 1Pd 1,17, eles são citados como aqueles que têm “residência no estrangeiro” (*paroikia*; daí paróquia) e, por isso, estão em peregrinação. Em 1Pd 2,11, além de serem chamados novamente de forasteiros (*parepídemos*), também os identifica como peregrinos (*paroikos*), estranhos residentes.

#### Leitor/a 1

Portanto, as destinatárias da carta são pessoas migrantes, sem lar, sem liberdade, longe de sua pátria. Muitos deles são escravos. E as comunidades têm a missão de ser o lar que acolhe essas pessoas que não possuem casa.

#### Leitor/a 2

Em 1Pd 2,9, encontramos um projeto revolucionário para esses migrantes e escravos: Eles são raça eleita, isto é, têm participação plena no povo de Deus. Como forasteiros, ficaram sem sua cultura de origem, sem suas famílias. Estão desenraizados, sem identidade. Nas comunidades

que os acolhem, porém, são novamente povo, adquirem uma nova identidade, há sentimento de pertença.

### **Leitor/a 1**

Essas comunidades acolhedoras de migrantes fazem a experiência de povo de Deus, pois acima de tudo, é Deus o grande modelo de acolhimento em sua misericórdia (1Pd 2,10), pois ele não é parcial, mas que, em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça, lhe é agradável (cf. At 10,34-35). Sede hospitaleiros uns para com os outros, sem murmurar (1Pd 4,9).

### **Leitor/a 2**

Além de casa de acolhida, a comunidade é a casa da amizade social, pois expande o seu coração para que caibam os peregrinos, os migrantes que não conhecemos, incluindo-os em nosso círculo de amizade. É a comunidade alargando o espaço de sua tenda (cf. Is 54,2). O autor da carta pede aos peregrinos e migrantes que não vivam segundo as obras da carne, isto é, dos desejos egoístas que carregamos em nossos corações e que o mundo de trevas empoderava (1Pd 2,11). Ao contrário, exorta os migrantes e peregrinos a que tenham uma conduta repleta de boas obras, fruto do Espírito de luz (1Pd 2,12).

### **Para Refletir**

- Diante destas reflexões, o que levaremos ao Encontro Estadual das CEBs?

- Como animar nossas comunidades para o desafio da justiça e da amizade social?

## PRECES DA COMUNIDADE

### Animador/a

Irmãos e irmãs, diante do desafio da justiça e da amizade social somos convidados a assumir a missão evangélica de levar vida em abundância, e de cuidar da casa comum. Assim pedimos à trindade santa que nos ilumine, pedindo:

#### **Todos/as: Sustente, Senhor, nossa casa comum!**

1. Sustente Senhor seu povo, em especial os migrantes, para que possa ter teto, terra e pão. Pedimos.

#### **Todos/as: Sustente, Senhor, nossa casa comum!**

2. Sustente Senhor, nossa esperança na construção de uma casa comum, em que todas as formas de vida estejam colocadas antes do lucro. Pedimos.

#### **Todos/as: Sustente, Senhor, nossa casa comum!**

3. Sustente, Senhor nosso Papa Francisco, que se coloca hoje como profeta na defesa das pessoas pobres e de outro projeto de mundo. Pedimos.

#### **Todos/as: Sustente, Senhor, nossa casa comum!**

4. Preces espontâneas.

#### **Todos/as: Sustente, Senhor, nossa casa comum!**

## ORAÇÃO FINAL

### **Animador/a**

Motivados pelo espírito das Comunidades Eclesiais de Base, comunidades que são verdadeiramente a Igreja em saída, em unidade com todos os migrantes que neste momento vagam pelo mundo em busca de acolhida, reze-mos juntos e juntas a oração que Jesus Cristo nos ensinou:

**Todos/as: Pai Nosso...**

### **Oração do 16º Encontro Estadual das CEBs**

*Confira a contracapa deste caderno.*

## DESPEDIDA E AVISOS

- Marcar a data e local do próximo encontro.
- Motivar para a participação no encontro estadual.
- Animemo-nos para seguirmos na preparação do 16º Encontro Estadual, vivendo o espírito das CEBs como espaço de transformação, missão e oração.

## BÊNÇÃO

### **Animador/a**

Irmãos e irmãs nos despedimos animados pelo Encontro Estadual que se aproxima. Que nós, nossas comunidades e todo povo percebam, na realidade das migrações, a importância de construirmos um mundo sustentado na justiça e na amizade social, seguindo na utopia da casa comum.

Que Deus abençoe nossas famílias, vizinhos/as e todas as pessoas migrantes, em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

**Todos/as: Amém!**

Bendigamos ao Senhor! Demos graças a Deus.

**Canto**

**O POVO DE DEUS**

|||||

*Padre Zezinho*

1. O povo de Deus no deserto andava  
Mas à sua frente Alguém caminhava.  
O povo de Deus era rico de nada  
Só tinha a esperança e o pó da estrada.

**/: Também sou Teu povo, Senhor  
E estou nessa estrada  
Somente a Tua graça  
Me basta e mais nada! :/ (Bis)**

2. O povo de Deus também vacilava  
Às vezes custava a crer no amor.  
O povo de Deus, chorando, rezava  
Pedia perdão e recomeçava.
3. O povo de Deus também teve fome  
E Tu lhe mandaste o pão lá do céu.  
O povo de Deus, cantando, deu graças  
Provou Teu amor, Teu amor que não passa.

4. O povo de Deus ao longe avistou  
A terra querida que o amor preparou.  
O povo de Deus corria e cantava  
E nos seus louvores, Teu poder proclamava.

### **SEM EIRA NEM BEIRA**



*Padre Zezinho*

1. José trabalhava na carpintaria  
Cuidando zeloso da sua Maria  
Maria esperava chegar sua hora  
No ventre levava seu filho e Senhor  
Mas eis que um decreto os arranca do teto  
Que foi testemunha do mais puro amor  
E assim foi que, antes de haveres nascido  
Te viste banido pelo imperador
2. Por longas estradas que ainda não vias  
Sem eira, nem beira, calado seguias  
No ventre materno escondido rumavas  
Pra onde mandava teu Pai lá no céu  
Mas eis que em Belém não encontras morada  
Maria, cansada, não pode esperar  
E assim tu nasceste mirando as estrelas  
No ventre da terra e distante do lar
3. A tua pobreza escondia um segredo  
E naquele palácio um patrão teve medo

E dizem que o rei, paranoico e doente  
Num gesto demente, mandou te matar  
Mas eis que José pressuroso e aflito  
Se asila no Egito pra te proteger  
E assim foi que, ainda pequeno e calado  
Te viste exilado pra sobreviver

4. Voltaste do exílio para a Galileia  
Que o filho do rei governava a Judeia  
Na carpintaria da casa de aldeia  
Não representavas perigo nenhum  
José e Maria te viram crescendo  
E era ali “um por todos e todos por um”  
E assim foi que o fiel carpinteiro morria  
E levaste Maria para Cafarnaum
5. A vida era dura, passavam os dias  
O tempo chegara e de casa partias  
Alguém perguntou-te em que lado moravas  
Disseste em resposta o que dizem milhões:  
Se queres saber o caminho que eu traço  
Acompanha meu passo; vem ver e sentir  
As aves do céu e as raposas têm casa,  
Mas eu, nem sequer, tenho onde dormir
6. Eu olho os milagres de arquitetura  
Colossos enormes rasgando as alturas  
E penso no povo que sofre e padece  
Por falta de teto, de amor e de pão



E leio o decreto que tira do teto  
Porque não pagou seu patrão e credor  
E tu que já foste pisado e esmagado  
Exilado e humilhado...  
Liberta teu povo, liberta senhor!

# ORAÇÃO DO

## 16º ENCONTRO ESTADUAL DAS CEBs

Ó Deus de amor e misericórdia,

Olhes com compaixão para os migrantes e refugiados que buscam por um lugar seguro e digno para viver. Bênçoes a sua jornada, protegendo-os de todos os perigos e obstáculos que possam encontrar pelo caminho.

Tu és o Pai dos agricultores e pastores Cain e Abel; Pai dos migrantes Abraão, Isaac e Jacó; Pai que ouve os gritos de dor do povo; que envia Moisés para organizar a luta contra a escravidão no Egito e sua saída; que não abandona os filhos na busca pelo pão, mas, ao contrário, faz promessas de terra e alimentos abundantes no processo da marcha, do caminhar em busca da libertação.

Por isso, nós Te pedimos, pelas nossas comunidades, preferencialmente pelas mais empobrecidas, para que tenham protagonismo e espaço na igreja e na sociedade. Assim como nós, migrantes de diversos países, etnias e culturas. Dai-nos a coragem e a determinação para nos empenharmos na construção de uma sociedade justa e fraterna, onde todos vivam com dignidade e sem discriminação, sob a mesma tenda, como única família dos filhos de Deus, a humanidade.

Pedimos tudo isso, Pai, em nome de Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre, pela intercessão de Maria, nossa mãe.

Amém! Axé! Awerê!

